

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO

MARIA CÂNDIDA S. DE FARIA K. WEHRMANN

**Desenvolvimento local em pequenas cidades:
trajetórias de de Pontalina, Edealina e Edéia**

SÃO PAULO

2020

Sumário

0

1. Apresentação	1
2. Metodologia	3
3. Introdução	5
3.1 Histórico da ocupação e contexto atual do Centro-Oeste e de Goiás	5
3.2 Contextualização dos três municípios estudados	12
4. Análise descritiva e comparativa dos municípios estudados	13
4.1 Indicadores demográficos	14
4.2 Indicadores Sociais	17
4.3 Indicadores econômicos	19
4.4 Economia de Pontalina	21
4.5 Economia de Edealina	23
4.6 Economia de Edéia	25
4.7 Repasses municipais para Pontalina, Edealina e Edéia	27
5. Entrevistas nas cidades selecionadas	28
5.1 Entrevistas de Pontalina	29
5.2 Entrevistas de Edéia	33
5.3 Entrevistas de Edealina	37
6. As três cidades avaliadas do ponto de vista bibliográfico	43
7. Conclusão	48
8. Referências Bibliográficas:	50
9. Anexo	52

1. Apresentação

Este trabalho tem como base três estudos de caso sobre as trajetórias de desenvolvimento de três municípios do interior do estado de Goiás. Pontalina, o mais populoso, que conta com a presença de várias confecções de roupas; Edealina, que agora possui uma grande empresa de extração mineral operando em seu território e Edéia, o mais rico, no qual opera uma usina de etanol de uma multinacional. Além dessas atividades industriais, as três cidades possuem forte influência da agropecuária, o que é ratificado pela participação desse setor no PIB municipal, 31,48% em Pontalina, 26,28% em Edéia e 39,21% em Edealina¹. Essa é uma característica comum para toda a região Centro-Oeste, onde a agropecuária correspondeu a 9,9% do PIB em 2017 (IBGE²). Esse perfil socioeconômico é oriundo da trajetória de ocupação do Centro-Oeste brasileiro.

A partir da análise de indicadores quantitativos e de entrevistas realizadas com pessoas de cada cidade, a pesquisa buscou entender melhor realidade local do ponto de vista produtivo, econômico e social. Também foi estudada a interação entre esses setores e a influência que um pode ter sobre o outro. Dessa forma, a compreensão sobre o desenvolvimento de cada lugar não ficou restrita apenas a aspectos econômicos, abarcando outras esferas que impactam a vida da população.

A minha busca por entender um pouco melhor sobre desenvolvimento local levou-me a estudar um pouco mais essas pequenas cidades. A razão do meu interesse advém também do fato de os meus pais terem nascido em cidades pequenas. A minha mãe nasceu em Pontalina, uma das cidades que eu estou estudando. Essa realidade sempre esteve presente na minha vida. As observações feitas sobre as cidades mostravam suas diversidades, inclusive no que diz respeito à sua economia. Surgia daí as perguntas sobre as consequências dessas atividades econômicas na vida dos habitantes. Meu envolvimento pessoal com o assunto me levou a querer saber mais sobre esses locais para poder pensar em quais são os maiores empecilhos internos para o desenvolvimento local e quais seriam as alternativas mais desejáveis para a população.

Além dos fatores pessoais que me levam a me interessar pelo assunto, existem dados objetivos que evidenciam a importância do tema. De acordo com as estimativas de população feitas pelo IBGE³ e publicadas no Diário Oficial da União em 2019, 88% dos municípios

¹ Fonte: IBGE, em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus - Suframa

² Fonte: IBGE, em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus - Suframa

³ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?=&t=resultados>

brasileiros possuem menos de 50.000 habitantes, onde vive cerca de 31% da população brasileira, o que demonstra que uma parcela significativa da população habita esses locais e neles desenvolvem suas atividades, conseqüentemente, eles merecem ser estudados.

Além da apresentação, este trabalho é composto pela introdução, pela contextualização da ocupação e desenvolvimento do Centro-Oeste e de Goiás, pela análise dos indicadores e das entrevistas de cada município e de uma discussão/análise a respeito do processo de desenvolvimento de cada local.

A contextualização tem como objetivo relatar as políticas e atividades econômicas que mais influenciaram o local, talhando sua configuração se tornasse o que ela é hoje, o que é relevante para a compreensão da realidade dos três municípios a partir do contexto em que estão inseridos. A análise dos indicadores busca a compreensão das particularidades e da situação interna em cada um dos três locais estudados. As entrevistas apresentam a comprovação desses dados ou o contraponto, além de possibilitar uma compreensão mais aprofundada deles. Por fim, é realizado o debate de se essas trajetórias de desenvolvimento, com o objetivo de comprovar se elas trouxeram, ou não, algum benefício para as população local.

[1] Comentário: Comentário da mamão que eu não entendi

2. Metodologia

O presente trabalho compreende um estudo de casos múltiplos com enfoque descritivo. Combinaram-se técnicas de pesquisa, como levantamento e análise histórica e teórica, bem como análise de dados e de indicadores quantitativos e entrevistas. Sem contudo deixar de destacar o enfoque principal desta pesquisa, o qualitativo. Dessa forma, buscou-se responder à principal questão do trabalho: “Qual é a trajetória de desenvolvimento local de Pontalina, Edealina e Edéia e a sua contribuição para a redução das desigualdades internas dos municípios?” Com essa pergunta, almejo entender quais foram os eventos que contribuíram para a configuração produtiva e socioeconômica atual de cada uma das cidades, bem como as suas conseqüências para a vida dos cidadãos.

Os objetos de estudo são três municípios pequenos⁴ do estado de Goiás, Pontalina, Edealina e Edéia, o que torna essa pesquisa um estudo de casos múltiplos, cujo objetivo compreende, também, “produzir comparação entre diferentes complexidades em torno de um problema comum” (CEBRAP, 2016, p.65) e não se busca, por sua vez, realizar uma representação estatística.

⁴ Entende-se por pequenos por possuírem menos de 20.000 habitantes.

A respeito dessas três cidades, **uma hipótese inicial** foi pensada: tendo em vista que o modelo de produção de Pontalina pulveriza a mão de obra em várias empresas, a qualidade de vida na cidade é melhor.

[2] Comentário: Voltar nela no final do texto

De acordo com Ronaldo de Almeida, o estudo de caso é “uma investigação cuja finalidade é descrever e analisar acontecimentos, agentes e situações complexos, com dimensões variáveis em interconexão” (CEBRAP, 2016, p.61). No caso deste trabalho, as situações complexas são o contexto e o desenvolvimento de cada município, que apresentam dimensões históricas, sociais, políticas e econômicas, com diferenças e semelhanças entre si, mas que se interconectam. Robert Yin (2003) também afirma que em estudos de caso, o pesquisador não possui controle sobre os fenômenos contemporâneos que são analisados, mas busca descrevê-los e compreendê-los, o que dialoga diretamente com o que se pretende com esta pesquisa. Vale ressaltar que ela também não busca realizar uma generalização a partir do estudado.

Tendo em vista que essa estratégia possui uma abordagem holística (Yin, 2001), o estudo do desenvolvimento do entorno dos três municípios é muito relevante. Portanto, entender os fenômenos de cada cidade implica também entender o seu contexto, os fatores nele envolvidos, seu entorno. Busca-se também entender como a trajetória temporal influenciou na configuração atual e como os fatores atuais, econômicos, produtivos e até políticos influenciam na vida dos cidadãos. Assim, o trabalho se configura em um estudo de caso descritivo, almejando realizar um diagnóstico a partir da compreensão das variáveis envolvidas no estudo.

Esse trabalho foi dividido em três partes. Na primeira parte, que ocorreu antes da pesquisa de campo, foram realizadas pesquisas bibliográficas a respeito da ocupação e histórico da região Centro-Oeste e de Goiás, com o objetivo de compreender o contexto em que os três municípios estudados estão inseridos. Além disso, dados secundários foram levantados, como indicadores demográficos, sociais e econômicos sobre os municípios para entender melhor cada realidade. Esses dados foram extraídos de fontes como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do qual se consultaram pesquisas como a Estimativa Populacional dos Municípios, o Produto Interno Bruto dos Municípios, o Censo de 2010, Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), Relação Anual de Informações Sociais, Altas do Desenvolvimento Humano no Brasil, entre outros .

A segunda parte é composta pelas entrevistas de campo, em que se busca reconstruir a percepção dos entrevistados. Para tanto, foi elaborado um modelo de entrevista para os atores privados, públicos e sociedade civil. Em cada cidade, foi importante a participação e

ajuda de pessoas, informantes que, facilitaram o contato com os entrevistados, por já conhecerem as pessoas e o contexto local e estarem familiarizados com eles. Optou-se pelo modelo de entrevistas semi-estruturadas, com o objetivo de ter uma compreensão mais profunda da realidade socioeconômico dos municípios a partir das falas dos entrevistados. Tentou-se captar questões e detalhes que os dados objetivos não conseguem explicitar e confrontar as falas dos locais com os indicadores obtidos, para se entender em que medida o contexto socioeconômico contribuiu para o desenvolvimento local.

A modalidade de entrevista escolhida é a que melhor se encaixa porque ela tem um caráter qualitativo, que é o perfil dessa pesquisa, não é aberta nem dispersa demais, permitindo que seja possível obter as informações desejadas dos entrevistados. Nela, segue-se um roteiro com perguntas já preparadas, mas também pode-se incluir outras conforme for necessário. Na terceira parte, foi levantada uma bibliografia sobre desenvolvimento local, quando são avaliadas e debatidas as entrevistas e as informações que foram obtidas na fase do campo, do ponto de vista da literatura trabalhada.

3. Introdução

3.1 Histórico da ocupação e contexto atual do Centro-Oeste e de Goiás

O território da região Centro-Oeste tem um histórico de ocupação relativamente recente, que teve início no século XVIII (Farias et al. 2013). Desde esse período, a agricultura e a pecuária estavam presentes na sua economia. Mas os maiores movimentos migratórios e avanços produtivos se deram a partir do século XX, havendo um destaque para o papel do Estado nesse processo, como incentivador e financiador (Farias et al. 2013). A partir da década de 1980, o setor privado passa a assumir um papel importante ao realizar investimentos na região (Hogan et al. 2001). A forma como esse processo ocorreu têm uma influência definitiva na configuração atual da região.

As primeiras ocupações portuguesas na região Centro-Oeste ocorreram no século XVIII. Elas geralmente ocorriam por meio de entradas e bandeiras e tinham como objetivo a busca por minérios como ouro. Elas se fortaleceram em locais que hoje correspondem aos estados de Mato Grosso e Goiás (Hogan et al. 2001; Calaça;Dias, 2010).). O fato de essas expedições ocorrerem por um tempo significativo - mais de um século -, elas fixavam populações por onde passavam. Isso possibilitou que alguns locais do estado tivessem suas economias dinamizadas por terem se tornado rota de passagem (Calaça;Dias, 2010).

Na época, uma das cidades mais importantes da região foi Vila Boa, hoje conhecida como cidade de Goiás. (Hogan et al. 2001). Porém, essas incursões não foram suficientes para tornar o território populoso, havendo grandes vazios demográficos. Além disso, o esgotamento das jazidas de ouro de aluvião resultou em um processo de estagnação econômica. Assim, a principal atividade passou a ser a pecuária extensiva e a agricultura de subsistência. (Oliveira; 1997; apud Hogan et al. 2001; Farias;Zamberlan, 2013)

A economia paulista teve importante impacto na região, principalmente no sul de Goiás. A economia cafeeira possibilitou a construção de ferrovias que se estendiam até o Triângulo Mineiro e Anápolis/GO. Estas intensificaram o comércio na região sul de Goiás e tornaram atrativa a produção de grãos, principalmente arroz, geralmente realizado em terras de melhor fertilidade, enquanto os chapadões, com muita vegetação arbustiva eram destinados a pecuária e ao extrativismo. Além disso as ferrovias estimularam a migração de produtores rurais do sul do país para a região. (Calaça; Dias, 2010; Hogan et al. 2001). A existência delas, porém, agravou as diferenças entre o sul e o norte do Centro-Oeste: o sul se integrou às economias de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro e o norte manteve-se mais isolado (Lemes;Guimarães, 1998; apud Hogan et al. 2001).

O desenvolvimento econômico entre os estados da região Centro-Oeste e mesmo dentro deles foi desigual. Em Goiás, a diferenciação entre as partes do estado foi patente. O local que hoje corresponde ao estado de Tocantins, na época norte de Goiás, ligou-se ao nordeste e ao norte do país devido à navegação no rio Araguaia. Na parte central, onde se localiza a cidade de Goiás, teve predominância a pecuária extensiva. O sul do estado, por sua vez, realizou mais intercâmbios com o Triângulo Mineiro e o Sudeste, sendo a parte mais economicamente dinâmica do estado. Uma atividade que se tornou preponderante foi a criação extensiva de gado, que era vendido para engorda a intermediários paulistas e mineiros (Lemes e Guimarães; apud Hogan et al. 2001; Hogan et al. 2001).

A ocupação do Centro-Oeste se intensificou a partir do século XX. Na sua primeira metade, ocorreu no Brasil um crescimento econômico, populacional, uma expansão do mercado interno e a formação de indústrias de infraestrutura. O governo de Getúlio Vargas desempenhou um papel importante nas décadas de 1930 e 1940, por meio de políticas de ocupação oficiais e mecanismos de financiamento e incentivo à expansão da fronteira agrícola e ocupação da região. As ocupações, em Goiás, se concentraram no sudeste do estado (Hogan et al. 2001). Esses contrastes regionais se refletem até a atualidade. Os locais onde foram introduzidos os primeiros capitais se tornaram mais modernizados e com maior degradação do bioma Cerrado (Calaça; Dias, 2010).

Pode-se citar como exemplo a política que ficou conhecida como “Marcha para o Oeste”, cujo objetivo era interiorizar a economia e promover a integração do mercado nacional. (Hogan et al. 2001), (Calaça; Dias, 2010; Farias;Zamberlan, 2013). No final da década de 1930 foi criada a Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG), composta por 11 áreas, com sede em Ceres, em 1941 foi criada a Fundação Brasil Central.

Assim, fica evidente que havia um esforço político de realizar a colonização da região central do país(Hogan et al. 2001) e que a integração que era feita da região buscava subordiná-la enquanto fornecedora de produtos agrícolas. Vale ressaltar que se tratava de um momento de economia fechada, cujo objetivo da política era a integração do mercado interno do país, um processo que visava também que as atividades econômicas nacionais fossem complementares ao polo principal, que se localizava no Sudeste (Abdal; 2015).

Posteriormente, no período que ficou conhecido como “Estado Novo”, foram desenhados mecanismos de financiamento e incentivo à expansão da fronteira agrícola, como a criação da Carteira de Crédito Cooperativo do Banco do Brasil, que também contribuiu para a ocupação do território. A existência de uma estrada de ferro, que chegava até Anápolis (GO) estimulou a migração de produtores, principalmente do sul do país. Porém, inicialmente não houve alteração significativa na estrutura fundiária local, que era composta principalmente por pequenos proprietários rurais que realizavam agricultura familiar, com relações de trabalho não tipicamente capitalistas (Pires; 2008; Calaça; Dias; 2010). A implantação do Plano Viário Nacional, em 1951, também contribuiu para o desenvolvimento da região Centro-Oeste, por meio da viabilização da construção de rodovias (Hogan et al. 2001).

A inauguração das cidades planejadas de Goiânia (1933) e de Brasília (1960) também deu um impulso na ocupação do território local. (Farias;Zamberlan, 2013) A fundação desta última (Brasília), contribuiu significativamente para a interiorização da economia brasileira, além de ser um ponto de recepção de migrantes, muitos advindos de regiões litorâneas. Houve também redistribuição de terras desocupadas do Entorno de Brasília e de Goiás.

Para construir a cidade, um contingente significativo de mão de obra se mudou para a região, além dos funcionários que vieram para compor o aparato do governo (Hogan et al. 2001). Com a sua construção, também foram realizados investimentos em infraestrutura e construção de significativa malha rodoviária, que atraíram imigrantes como mão de obra (Miragaya; 2014; Almeida, 2006 apud Farias; Zamberlan, 2013), possibilitando um aumento do povoamento da região e do seu desenvolvimento econômico.

As terras no Sul e no Sudeste já se encontravam ocupadas, ou em uso na sua maior parte, mas ainda havia necessidade de aumento da produção agrícola, devido à forte urbanização do país. A partir da década de 1960, as políticas de integração e desenvolvimento regionais, que visavam a exploração do Cerrado para atividade agropecuária, contribuíram para a expansão da fronteira produtiva na região Centro-Oeste (Farias; Zamberlan, 2013, apud Oliveira, 2002). Essas medidas concorreram para que o Cerrado se tornasse uma região fornecedora de alimentos básicos, como arroz e feijão.

Naquela década, as estruturas fundiárias já se caracterizavam pelos latifúndios, sendo portanto, uma produção que se destacava pelo caráter extensivo do cultivo das áreas e não pela intensidade de tecnologia, ou seja, a demanda por mão de obra ainda não havia reduzido substancialmente. Os baixos preços das terras à época também contribuíram para manter esse perfil de agricultura. Naquele período as relações empregador x empregado aumentaram em relação às relações familiares de trabalho (Pires, 2008; Hogan et al. 2001; Calaça; Dias, 2010). No final daquela década, o perfil dos migrantes para a região era diferente do que tinha sido até então; agora ele era composto majoritariamente por paulistas, gaúchos e paranaenses que tinham experiência na atividade agrícola (Farias; Zamberlan, 2013 apud Guimarães; Leme, 1998).

As décadas de 1970 e 1980 são marcadas por avanços significativos na economia da região, principalmente por meio de investimentos estatais, que contribuíram para a ocupação do território. As atividades econômicas principais continuaram sendo a agricultura e a pecuária, que por intermédio dos incentivos oficiais mudaram seu perfil, o que resultou na modernização e intensificação desses setores em termos de produção de bases capitalistas. A incorporação de terras ao processo produtivo, bem como novas tecnologias e produtos, tiveram, sem dúvida, um papel importante na expansão da produção agrícola (Miragaya, 2014; Hogan et al. 2001).

A iniciativa estatal teve um papel muito importante para o desenvolvimento e a ocupação da região. Na década de 1970, pode-se destacar a criação de programas como o Fundo de Desenvolvimento da Agricultura (Fundag) e o Plano Nacional de Fertilizantes e Calcário Agrícola (PNFCA), que financiaram a indústria de insumos agrícolas (Miragaya, 2014 apud Barros; Manoel, 1988). Para o desenvolvimento da agricultura comercial, foram criados programas como a Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste (Sudeco) que existe até os dias de hoje, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), em cuja esfera estadual se destacou a Empresa Agropecuária do Estado de Goiás (Emgopa) (Hogan et al. 2001).

A criação da Embrapa foi importante na medida em que gerava tecnologias produtivas que se adaptam às características específicas do cerrado, contribuindo, dessa forma, para aumentar a produtividade local e para fortalecer a produção agrícola em larga escala, tendo como grande exemplo cultura da soja (Farias;Zamberlan, 2013). Na década de 1970, a Embrapa criou centros de pesquisa no Distrito Federal, em Goiânia e em Campo Grande que permitiram um aprimoramento significativo da produção de grãos. Entre 1975 e 1976 um dos centros de pesquisa da Embrapa pesquisou 1.500 cultivares e linhagens de soja que tinham sido selecionadas em outras regiões. Os produtores de grãos foram os mais favorecidos por meio de políticas de incentivo no período, possibilitando que a área de soja plantada aumentasse 767% e a produção crescesse 1.234,6% entre 1970 e 1989 (Hogan et al., 2001).

Em 1971 foi criado o Plano de Desenvolvimento da Região Centro-Oeste (Prodoeste), que foi executado pela ação conjunta dos governos federal, estaduais e o setor privado. A partir dele, foi construída uma rede viária, armazéns, silos e frigoríficos (Hogan et al. 2001). Em 1975, destacou-se o Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (Polocentro), um programa de ação regional do Segundo Plano Nacional de Desenvolvimento⁵ (II PND).

Para o II PND a região Centro-Oeste era um local importante para o crescimento nacional, na medida em que se tornasse produtora de alimentos e de matéria-prima voltada para exportação, principalmente por meio da monocultura comercial, e recebendo correntes migratórias de mão de obra (Farias; Zamberlan, 2013 apud Oliveira, 2002). Dentre as suas medidas, destaca-se a concessão de crédito subsidiado e a construção de infraestrutura em doze diferentes locais do Cerrado. Com isso, buscava-se também que os produtores rurais da região Centro-Oeste se integrassem, por meio de bases empresariais, à economia nacional (Farias;Zamberlan, 2013 apud Pires, 2000).

Esse programa, porém, contribuiu para intensificar o desmatamento de grandes áreas do Cerrado, além de não ter promovido a distribuição de terras. (Hogan et al. 2001) Nenhum desses programas, dava apoio aos pequenos produtores, resultando em um aumento da concentração de terras, na formação de latifúndios e na expulsão de grandes contingentes de migrantes camponeses que haviam chegado à região Centro-Oeste (Hogan et al. 2001 apud Martine, 1978,).

⁵ O PND II foi um plano de desenvolvimento que foi lançado durante o período em que Ernesto Geisel foi presidente e tinha por objetivo guiar o desenvolvimento brasileiro, dando prioridade ao aumento da capacidade energética, à produção de insumos básicos e de bens de capital. https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572008000100002

A partir da década de 1980 começam a haver alterações fundiárias significativas com a agricultura intensiva e com mais uso de tecnologias poupadoras de mão de obra para as culturas de soja e cana de açúcar. (Calaça; Dias, 2010)(Hogan et al. 2001) As culturas de exportação foram ocupando o espaço das culturas mais tradicionais, principalmente por terem mais apoio governamental, e por serem mais lucrativas, levando á uma mudança no perfil regional (Hogan et al. 2001).

As pequenas propriedades deram espaço para os grandes latifúndios, o que resultou na expulsão de muitos agricultores e na liberação de grande quantidade de pessoas que exerciam atividades que passaram a ser executadas por máquinas(Farias; Zamberlan, 2013). Como consequência, a taxa de urbanização da região Centro Oeste não ficou abaixo de 80% desde a década de 1990 e chegou a 88,8% em 2010, de acordo com o IBGE⁶. Todas essas medidas alteraram o perfil produtivo da região e contribuíram para aprofundar as desigualdades regionais.

A década de 1980 foi marcada também pela introdução de mecanismos privados para o financiamento da produção e pela expansão do horizonte comercial para grandes redes nacionais e internacionais (Hogan et al. 2001). Naquele período, também, a incorporação tecnológica levou a um modelo de produção que é poupador de mão de obra (Hogan et al. 2001). O que, por sua vez, resultou em um êxodo rural e aumento da população urbana. A urbanização foi intensa, ao ponto de o Centro-Oeste ter apresentado a segunda maior taxa na década de 1980 (67,79%)⁷ e a terceira maior do Brasil em 2010 (88,8%)², porém, ela ocorreu de forma precária para essa população e suas condições de vida nos centros urbanos foram difíceis. (Hogan et al. 2001) Outra consequência dessa concentração da produção, não só no Centro-Oeste mas no Brasil como um todo, foi a reprodução de problemas sociais e urbanos que se concentravam em cidades industriais e áreas metropolitanas (Abdal, 2015)

A Constituição Federal de 1988 trouxe também um outro aspecto para o desenvolvimento de Goiás. Ela contribuiu para a descentralização tributária dos estados e municípios, conferindo-lhes mais autonomia. Uma externalidade negativa dessa independência é a competitividade que se instalou entre os entes da federação na busca por atração de investimento. A esse processo se convencionou chamar de guerra fiscal (Araújo, 2016). O que se sabe é que desde a década de 1970 o estado de Goiás já possuía um programa de incentivo fiscal, o Fundo de Expansão da Indústria e Comércio do Estado de Goiás

⁶ Fonte: IBGE <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv64529_cap6.pdf>

⁷ Fonte: IBGE <<https://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=POP122>>

(Feincom) e em 2000 foi lançado o Programa de Desenvolvimento Industrial do Estado de Goiás (Produzir) (Araújo, 2016) .

Varsano (1977) definiu guerra fiscal antes mesmo de a Carta Magna nacional ser escrita, enquadrando-a como um “conflito entre os entes da Federação” (Varsano, 1977, p.2). Ele a define como um “conflito entre governos por meio do uso de instrumentos tributários e/ou orçamentários” (Ferreira, 2005, p.145). Assim, um ente federativo proporciona, por meio de taxas muito baixas, isenções fiscais e outros instrumentos tributários condições financeiras muito atraentes para que empresas e investimentos econômicos sejam realizados no local. Essa operação tem, por consequência, um custo fiscal incluído para o governo que o faz.

Esse modelo de desenvolvimento econômico também resultou em uma subordinação da agricultura às grandes indústrias/ mercado externo/ dinâmicas globais, principalmente do cultivo de soja e cana-de-açúcar (Calaça; Dias, 2010). A pecuária também se tornou componente importante da economia do estado de Goiás, dado que ele possui o quarto maior rebanho bovino do Brasil⁸. O que incentivou o aumento da produção de grãos foi um aumento na demanda mundial por *commodities* agrícolas, principalmente a partir da década de 1970. O aumento da produção de cana-de-açúcar, por sua vez, acontece para atender à uma demanda global por formas alternativas e renováveis de energia (Calaça; Dias, 2010).

O aumento da demanda chinesa a partir dos anos 2000 também teve um papel importante na agricultura brasileira. A China se tornou uma das principais parceiras comerciais do Brasil a partir dos anos 2000 e uma compradora de produtos primários e agrícolas, com destaque para soja (Acioly, 2011, p. 308).

A partir desse processo, é inegável que as políticas de ocupação e expansão da fronteira agrícola tiveram fortes impactos. Fica evidente que o modelo de desenvolvimento da região Centro-Oeste e do estado de Goiás se pautou no fortalecimento do agronegócio e na subordinação da agricultura às grandes indústrias e centros urbanos. As tentativas de inserir o Centro-Oeste, enquanto produtor de *commodities* agrícolas, ao mercado mundial foram, portanto, bem sucedidas, o que não significa, porém que isso melhorou a vida das pessoas.

A alta produtividade das lavouras fez deste local estratégico para o desenvolvimento do setor agrícola, o que também resultou em uma alteração da estrutura fundiária: passou-se da agricultura familiar ao agronegócio, das pequenas produções de subsistência às monoculturas (Calaça; Dias, 2010). A produção agropecuária da região se tornou uma das

⁸ Fonte: IBGE - Censo Agropecuário 2017

mais importantes do país. Porém, também houveram externalidades indesejadas, como o desmatamento e a concentração de terras, que resultou em desigualdade socioeconômicas.

3.2 Contextualização dos três municípios estudados

Três municípios foram estudados nessa pesquisa: Edealina, Pontalina e Edéia. Eles se localizam no sul do estado de Goiás, nas microrregiões de Meia Ponte e Rio dos Bois e podem ser considerados como de pequeno porte⁹. Eles foram escolhidos por serem municípios próximos uns dos outros e, portanto, estão inseridos em um mesmo contexto, o do estado de Goiás e da região Centro-Oeste, mas que possuem as suas particularidades.

Edéia passou a ser considerada um município autônomo em 1948.¹⁰ Atualmente, a sua população é de 11.266 habitantes.¹¹ Está em operação na cidade uma usina de cana de açúcar de grande porte, que foi fundada em 2007 e era propriedade de produtores locais. Em 2008 uma empresa multinacional comprou 50% da empresa, transformando-a em uma *joint-venture*. Em 2011 a empresa comprou-a por inteiro e adquiriu totalmente o controle operacional da usina.¹² Não se tem certeza quanto ao número de funcionários que ela possui, mas estima-se que seja na casa dos milhares.¹³ Ocorreu também uma expansão das atividades da multinacional na região, agora ela tem uma usina também em Itumbiara (GO) e uma em Ituiutaba (MG)¹⁴.

Edealina foi inicialmente um distrito do município de Edéia, criado em 1976. Sua emancipação como município é datada de 1979, sendo a mais nova das três cidades. Ela é também a menor da três em população, 3.733 pessoas¹⁵. O município possui uma sede de uma grande empresa de extração mineral, que foi inaugurada em 2015 e que possui o maior PIB per capita das três (R\$ 70.265,36 em 2017, enquanto no mesmo ano os valores para Pontalina e Edéia foram R\$ 27.794,97 e R\$ 59.115,96, respectivamente)¹⁶. Em 2013 o prefeito João Batista Gomes Sobrinho (PMDB) assinou um acordo de cooperação técnica

⁹ São chamados assim os municípios que possuem menos de 20.000 habitantes.

¹⁰ IBGE Cidades

¹¹ IBGE Cidades

¹² Disponível em: https://www.novacana.com/usinas_brasil/fabrica/unidade-tropical

¹³ Não foi possível realizar uma entrevista com alguém que trabalhe na empresa, então o valor é o que foi estimado pela fala de outros entrevistados.

¹⁴ Fonte: https://www.bp.com/pt_br/brazil/home/onde-estamos.html

¹⁵ IBGE Cidades

¹⁶ IBGE Cidades

com a empresa, para que fosse feita capacitação de mão de obra e projetos de inclusão social¹⁷.

Pontalina é a mais antiga das três cidades tanto em ocupação quanto em formação administrativa. A fundação do município aconteceu em 1938¹⁸. A cidade se desenvolveu em torno de empresas de micro e porte pequeno que fabricam roupas, a maior parte roupas íntimas), empregam boa parte da mão de obra local, estabelecem comércio com os municípios do entorno, vendendo inclusive para São Paulo, Distrito Federal, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Tocantins, Bahia e Pará¹⁹ (Tabela 1). A cidade tem 38 estabelecimentos de indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos, que empregam 519 trabalhadores²⁰. É importante ressaltar que o PIB da cidade quase triplicou entre 2000 (R\$ 70.055.000,00) e 2010 (R\$ 208.549.000,00)²¹.

Tabela 1: Comparação sintética da estrutura produtiva dos municípios.

Pontalina	Edealina	Edéia
Muitas pequenas e médias confecções de roupa	Grande empresa de extração mineral	Usina de etanol de grande empresa multinacional

Fonte: Elaboração própria

Apesar das particularidades econômicas e produtivas desses municípios, a presença do agronegócio é forte nos três. O cultivo de soja e a criação de gado foram muito mencionados nas entrevistas como relevantes para a economia local. Dessa forma, fica evidente que a herança do modelo econômico baseado na agropecuária, típico da região Centro-Oeste e de Goiás, é muito influente nos três locais.

4. Análise descritiva e comparativa dos municípios estudados

Nesta parte da pesquisa foi elencada uma série de indicadores que foram divididos por categorias: demográficos, econômicos e sociais. Além disso, essa seção também contém um histórico de repasses de ICMS para as três cidades. O objetivo é traçar um panorama geral de

¹⁷ Fonte: <https://epocanegocios.globo.com/Informacao/Acao/noticia/2012/05/votorantim-investe-r-600-mi-em-nova-fabrica-em-goias.html>

¹⁸ IBGE Cidades

¹⁹ Informações obtidas a partir das entrevistas

²⁰ Fonte: CAGED

²¹ Fonte IBGE Cidades

Pontalina, Edealina e Edéia de forma comparativa, para poder melhor compreender a situação socioeconômica de cada local, bem como os potenciais caminhos para um desenvolvimento sustentável.

4.1 Indicadores demográficos

Os indicadores demográficos foram selecionados para entender o perfil populacional do município, tendo em vista que este pode ser influenciado pela principal atividade econômica ou então influenciá-la. Os resultados encontrados não se diferenciam muito entre os municípios. Pode-se perceber que Pontalina é o mais populoso deles e que apresenta uma menor população economicamente ativa. Edealina é o menos populoso, com maior razão de dependência²² e maior população rural. Edéia é o segundo município mais populoso, com maior população urbana, maior população economicamente ativa e menor razão de dependência. A Tabela 2, abaixo também permite perceber que os municípios possuem valores muito próximos de porcentagem de população economicamente ativa desocupada, razão de dependência e porcentagem de homens e mulheres.

Tabela 2: Indicadores Demográficos dos municípios de Edéia, Edealina e Pontalina.

	População Estimada	População no último Censo	População Economicamente Ativa		Razão de dependência	População Rural (%)	População Urbana (%)	% Homens	% Mulheres
			Ocupada	Desocupada					
	2019	2010	2010	2010	2010	2010	2010	2010	2010
Pontalina	17.819	17.121	65,90%	4,70%	46,01	18,83	81,17	50,1	49,9
Edealina	3.699	3.733	68,80%	4,70%	46,74	31,18	68,82	51,7	48,3
Edéia	12.372	11.266	72,90%	5%	43,3	15,34	84,66	51,3	48,7

Fonte: Dados do IBGE, do Atlas de Desenvolvimento Humano, elaboração própria

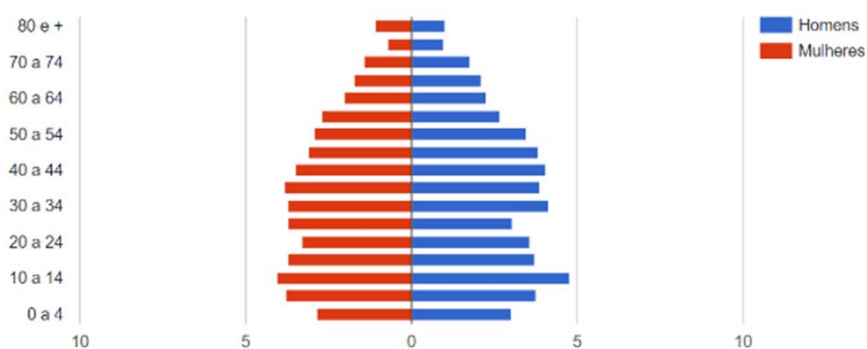
As pirâmides etárias dos três municípios também foram analisadas, o que contribui para a compreensão da variação da quantidade de mão de obra disponível, proporcionalmente, por município. As três pirâmides se parecem, mostrando que as cidades possuem estruturas etárias similares: com os topos são mais estreitos que as bases, mas com quantidades aproximadas de habitantes para as demais faixas etárias (Figuras 1, 2 e 3).

Há, em todas as figuras, um estreitamento na faixa etária dos 20 a 24 anos, que depois volta a se alargar, isso pode indicar que os jovens saem dos municípios nessa idade e depois

²² Razão de dependência é a razão entre a população dependente (pessoas com menos de 14 ou mais de 65 anos) e a população potencialmente ativa (pessoas com mais de 14 e menos de 65 anos) multiplicado por 100, de acordo com o Atlas de Desenvolvimento Humano.

retornam. Esse fenômeno pode ocorrer por motivos de estudo, trabalho, mas seria necessária uma pesquisa mais aprofundada no assunto para se afirmar precisamente qual a sua razão. Eles podem fazê-lo para cursar uma faculdade, provavelmente. Pode-se perceber, portanto, que os municípios vivenciavam um “vazamento do bônus demográfico²³”, mas, conforme foi afirmado nas entrevistas, ônibus estudantis passaram a ser providenciados para que os estudantes pudessem viver na cidade e estudar em outra.

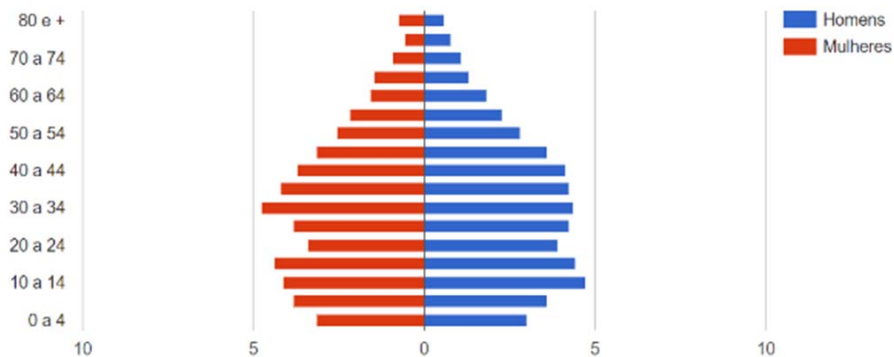
Figura 1: Pirâmide etária 2010 - Edealina - GO (Distribuição por Sexo, segundo grupos de idade).



Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil

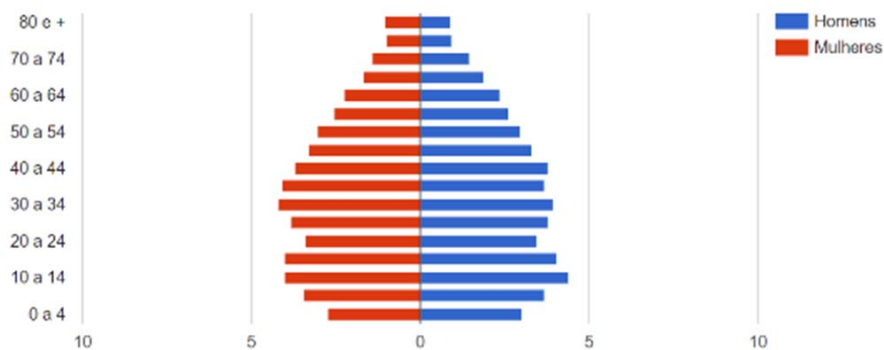
Figura 2: Pirâmide etária 2010 - Edéia - GO (Distribuição por Sexo, segundo grupos de idade).

²³ Bônus demográfico consiste em uma configuração da pirâmide etária em que a população que está economicamente ativa é maior do que a que não está (crianças e idosos), havendo uma baixa razão de dependência. Fonte: <https://www.econstor.eu/bitstream/10419/90937/1/661069036.pdf>



Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil

Figura 3: Pirâmide etária 2010 - Pontalina - GO (Distribuição por Sexo, segundo grupos de idade).



Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil

Dados de relação de cor também foram selecionados para ajudar na compreensão do perfil populacional do município. Em relação ao percentual de pessoas de cada cor, os três municípios se parecem bastante. A maior parte da população se declarou branca, e em seguida, parda. Apenas um pequeno contingente se declarou preto, amarelo ou indígena (Tabela 3).

Tabela 3: Porcentagem da população de acordo com a cor.

	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Sem declaração
Edealina (GO)	49,75	2,84	1,34	46,08	-	-
Edéia (GO)	43,25	6,08	0,49	50,11	0,07	-
Pontalina (GO)	49	3,41	0,61	46,93	0,05	-

Fonte: IBGE - Censo Demográfico

Os indicadores demográficos ressaltam que as três cidades possuem algumas características em comum. Vale ressaltar a proximidade dos valores de razão de dependência, porcentagem de homens e mulheres e a porcentagem da população de acordo com a cor. Ademais, ainda que a população total delas não seja próxima, suas pirâmides etárias são semelhantes. Contudo, é importante notar que a população rural de Edealina é bem superior ao resto e que a população economicamente ativa ocupada de Edéia também o é.

4.2 Indicadores Sociais

Os indicadores sociais selecionados têm como objetivo evidenciar os níveis de desigualdade, a necessidade de auxílio governamental e a estrutura que cada local têm para lidar com as suas vulnerabilidades (Tabela 4).

Tabela 4: Indicadores Sociais dos municípios de Edéia, Edealina e Pontalina.

	Nº de famílias beneficiárias do PBF	Nº de famílias inseridas no Cadastro Único	Nº de beneficiários do BPC	Nº de famílias com renda de até 1/2 salário mínimo	Índice de Gini da renda domiciliar per capita segundo Município			Quantidade de equipamentos ativos da Rede Socioassistencial do SUAS		
	Outubro de 2019	Outubro de 2019	Janeiro de 2020	Outubro de 2019	1991	2000	2010	CRAS	CREAS Municipal	Unidade de Acolhimento
Pontalina	860 (11,76%)	2824 (38,62%)	829	1854 (25,35%)	0,5807	0,6989	0,5491	1	1	2
Edealina	208 (14,60%)	706 (49,56%)	56	459 (32,21%)	0,5268	0,5792	0,5113	1	1	1
Edéia	879 (18,82%)	1978 (42,35%)	415	1485 (31,79%)	0,6078	0,5937	0,5393	1	-	-

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano, SAGI, MDS, Censo SUAS 2019 elaboração própria.

A partir dos indicadores sociais, pode-se perceber que Edéia apresenta mais famílias inseridas no Programa Bolsa Família, mas Edealina apresenta mais famílias inscritas no Cadastro Único. Edealina apresenta, percentualmente, a maior quantidade de famílias com renda de até ½ salário mínimo e o menor número de beneficiários do Benefício de Prestação Continuada (BPC). Os índices de Gini não são muito diferentes entre os três municípios, e é possível perceber que eles diminuiram com o tempo, nas três cidades. Em relação aos

equipamentos ativos da Rede Socioassistencial do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), Pontalina apresenta 2 unidades de acolhimentos, que mais que os demais locais, e Edéia não possui nenhum Centro de Referência Especializado de Assistência Social (Creas) Municipal ou Unidade de Atendimento, o que mostra que ela está mais despreparada que as outras cidades para lidar com as suas vulnerabilidades. Além disso, em relação ao tamanho da sua população, pode-se dizer que Edealina é a que apresenta mais equipamentos para lidar com as suas vulnerabilidades sociais.

Foram selecionados, também, os indicadores de educação abaixo para se entender o perfil educacional da população de cada cidade. Tendo em vista que o grau de instrução de um povo é indicador da qualificação da sua mão de obra, essa categoria de indicadores permite uma compreensão maior das estruturas produtivas locais (Tabela 5).

Tabela 5: Indicadores de Educação dos municípios de Edéia, Edealina e Pontalina.

	Escolaridade da população de 25 anos ou mais 2010							
	Taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade	IDEB - Anos iniciais do ensino fundamental (rede pública)	IDEB - Anos finais do ensino fundamental (rede pública)	Fundamental incompleto e analfabeto	Fundamental incompleto e alfabetizado	Fundamental completo e médio incompleto	Médio completo e superior incompleto	Superior completo
	2010	2017	2017	2010	2010	2010	2010	2010
Pontalina	92,30%	6	5,6	16,80%	50,20%	10,60%	16,30%	6,10%
Edealina	98,60%	5,8	4,6	14,70%	50%	13,40%	16,80%	5,10%
Edéia	98,20%	6,7	5,1	15,40%	40,10%	14,60%	22,30%	7,60%

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano, elaboração própria

A partir dos indicadores de educação, é possível perceber que Edealina apresenta a maior taxa de escolarização e Pontalina a menor. Edéia apresenta a maior nota no IDEB nos anos iniciais do ensino fundamental e Edealina a menor, Pontalina apresenta a maior nota no IDEB nos anos finais do ensino médio e Edealina a menor. Pontalina apresenta a maior percentagem de analfabetos e de pessoas com ensino fundamental incompleto mas alfabetizadas, enquanto Edéia apresenta a maior percentagem de pessoas com ensino médio e superior completos.

4.3 Indicadores econômicos

Os indicadores econômicos foram escolhidos para mostrar o desempenho econômico de cada local, sua capacidade de cada um gerar renda, bem como o seu reflexo na população por meio do IDH e PIB per capita. Edéia apresentou o maior PIB a preços correntes entre as três cidades em 2016. Pontalina apresentava essa posição em 2006. Percentualmente, Edéia cresceu mais que os outros dois municípios entre 2006 e 2016. Ela também apresenta o maior IDH entre as três cidades e a maior participação no PIB de Goiás. O maior PIB *per capita* é da cidade de Edealina, seguida por Edéia e por Pontalina. Edealina também apresenta o segundo maior IDH. Pontalina apresenta o menor PIB *per capita* (Tabela 6).

Tabela 6: Indicadores Econômicos nos municípios de Edéia, Edealina e Pontalina

	PIB a preços correntes (x 1.000)		Percentual das receitas oriundas de fontes externas	Participação do PIB Municipal no PIB de Goiás (%)		PIB <i>per capita</i>	IDH
	2006	2016		2015	2006		
Pontalina	R\$ 116.391,00	R\$ 448.323,00	88,50%	0,19	0,25	R\$ 27.794,97	0,687
Edealina	R\$ 42.832,00	R\$ 240.508,00	62,30%	0,07	0,13	R\$ 70.265,36	0,702
Edéia	R\$ 114.711,00	R\$ 714.060,00	80,50%	0,19	0,41	R\$ 59.115,96	0,739

Fonte: IBGE, elaboração própria

É interessante notar também que Edealina apresenta o menor PIB a preços correntes, mas o maior PIB *per capita*. Além disso, Pontalina é o município cuja renda depende menos da atividade de grandes empresas e a empregabilidade da população está mais pulverizada, mas, ainda assim, seu PIB per capita é o menor, o que coloca em dúvida a capacidade dessas pequenas empresas de gerar benefícios econômicos para a população.

Pode-se perceber, a partir da Tabela 7, que, ao longo do tempo, Edéia e Edealina subiram suas posições no *Ranking* do PIB de Goiás de o Brasil, enquanto Pontalina regrediu, o que pode indicar estagnação econômica dessa última em relação às demais.

Tabela 7: *Ranking* do PIB de cada município em relação a Goiás e ao Brasil

	Pontalina		Edéia		Edealina	
	2000	2016	2000	2016	2000	2016
<i>Ranking</i> PIB Goiás	62°	64°	57°	47°	119°	99°
<i>Ranking</i> PIB Brasil	1.344°	1.390°	1.274°	956°	3.007°	2.187°

Fonte: IBGE Cidades, elaboração própria

A Tabela 8 indica que todos os municípios tiveram um avanço no *Ranking* do PIB *per capita* de Goiás e do Brasil, sendo que Edealina apresentou, em 2017, a melhor posição.

Tabela 8: *Ranking* do PIB *per capita* de cada município em relação a Goiás e ao Brasil

	Pontalina		Edéia		Edealina	
	2010	2017	2010	2017	2010	2017
<i>Ranking</i> PIB <i>per capita</i> Goiás	109°	76°	20°	19°	45°	13°
<i>Ranking</i> PIB <i>per capita</i> Brasil	1.977°	1.330°	280°	199°	905°	125°

Fonte: IBGE Cidades, elaboração própria.

Em relação ao *Ranking* de IDH, percebe-se, de acordo com a Tabela 9, que Pontalina e Edealina regrediram suas posições em relação ao Brasil e ao estado de Goiás, enquanto Edéia melhorou a sua posição nos dois casos. Essa tabela sintetiza as principais informações observadas nessa seção, como por exemplo, o fato de Pontalina estar estagnada e Edéia apresentar indicadores de crescimento promissores.

Tabela 9: *Ranking* do IDH de cada município em relação a Goiás e ao Brasil

	Pontalina		Edéia		Edealina	
	2000	2010	2000	2010	2000	2010
<i>Ranking</i> IDH Goiás	18°	154°	57°	21°	42°	102°
<i>Ranking</i> IDH Brasil	1.069°	2.251°	1.774°	795°	1.570°	1.842°

Fonte: IBGE Cidades, elaboração própria

Para se entender melhor a economia de cada local, buscou-se analisar a composição de cada estrutura produtiva. Com os dados de estrutura produtiva, pode-se compreender melhor em que atividades a economia do local está baseada, e como uma cidade se diferencia da outra (Tabela 10).

Tabela 10: Comparação sintética entre os municípios

Pontalina	Edéia	Edealina
Maior percentual de receitas oriundas de fontes externas, pior IDH, indícios de estagnação.	Melhor crescimento nos <i>Rankings</i> mostrados, maior participação no PIB de Goiás.	Maior PIB <i>per capita</i> , menor percentual de receitas oriundas de fontes externas e menor participação no PIB de Goiás.

Fonte: elaboração própria

4.4 Economia de Pontalina

Em Pontalina, o setor que mais contribui com valor adicional para o PIB municipal é o de serviços, seguido pela agropecuária. Como pode ser observado pela Tabela 11:

Tabela 11: Contribuição de valor adicionado percentual diferentes setores para o PIB de Pontalina em 2017

Atividade econômica	Valor adicionado ao PIB em porcentagem
Agropecuária	31%
Indústria	14%
Serviços*	34%
Administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social	15%

Fonte: IBGE Cidades, elaboração própria

*exclui administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social

Nessa cidade, o setor que mais emprega é a indústria de transformação²⁴, seguida pela administração pública e agropecuária. Dessa forma, o setor que mais emprega²⁵ não é o que mais contribui para o PIB. A maior parte dos empregados tem entre 30 e 39 anos (Tabelas 12 e 13).

Tabela 12: Número de empregos formais em 31 de dezembro de 2018 em Pontalina - Total das Atividades

²⁴ Os subsetores da indústria de transformação são: indústria de produtos minerais não metálicos, indústria metalúrgica, indústria mecânica, indústria do material elétrico e de comunicações, indústria do material de transporte, indústria da madeira e do mobiliário, indústria do papel, papelão, editorial e gráfica, indústria da borracha, fumo, couros, peles, similares, indústrias diversas, indústria química de produtos farmacêuticos, veterinários, perfumaria, indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos, indústria de calçados, indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico.

²⁵ Vale ressaltar que foram usados dados da RAIS nessa parte e que ela não computa trabalhadores informais. A representação dos trabalhadores do setor agropecuário fica comprometida, pois os níveis de informalidade são altos nele.

Total das Atividades			
IBGE Setor	Masculino	Feminino	Total
2 - Indústria de Transformação	260	405	665
4 - Construção Civil	46	4	50
5 - Comércio	247	192	439
6 - Serviços	230	216	446
7 - Adm. Pública	285	352	637
8 - Agropecuária	417	71	488
Total	1.485	1.240	2.725

Fonte: RAIS, MTPS

Tabela 13: Número de empregos formais em 31 de dezembro de 2018 em Pontalina - por faixas etárias

Faixa Etária	Masculino	Feminino	Total
2 - 14 a 17 anos	10	8	18
3 - 18 a 24 anos	226	178	404
4 - 25 a 29 anos	179	168	347
5 - 30 a 39 anos	402	368	770
6 - 40 a 49 anos	345	300	645
7 - 50 a 64 anos	290	214	504
8 - Acima de 65 anos	33	4	37
Total	1.485	1.240	2.725

Fonte: RAIS, MTPS

Em relação à indústria de transformação, buscou-se especificar quais setores geram mais empregabilidade (Tabela 14).

Tabela 14: Número de empregos formais e estabelecimentos da indústria de transformação por subsetor em Pontalina

Indústria de Transformação 1º janeiro 2019	Nº empregos formais	Nº estabelecimentos
Indústria de produtos minerais não metálicos	47	7
Indústria metalúrgica	6	2
Indústria mecânica	1	2
Indústria do papel, papelão, editorial e gráfica	6	1
Ind. da borracha, fumo, couros, peles, similares, ind. diversas	2	5
Ind. química de produtos farmacêuticos, veterinários, perfumaria, ...	1	3
Indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos	519	38
Indústria de calçados	23	2
Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	61	17

Fonte: CAGED, elaboração própria

O que se pode perceber a partir da Tabela 14 é que a indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos é que gera mais empregos, conforme o esperado. Pode-se perceber também, um número significativo de estabelecimentos desse subsetor, 38, mostrando que a mão de obra não fica concentrada. Porém, vale ressaltar a base de dados utilizada, que é o CAGED não contabiliza os empregos informais. A partir dessa seção, pode-se concluir a respeito de Pontalina que a empregabilidade formal da indústria têxtil é expressiva, mas que a administração pública e a agropecuária também o são, apesar de este último apresentar muitos trabalhadores informais. Apesar disso, o setor que mais contribui para o PIB municipal é o de serviços, seguido pela agropecuária.

4.5 Economia de Edealina

Em Edealina, o setor que mais contribui com valor adicionado para o PIB municipal é a agropecuária, assim como Pontalina, seguido pela indústria e serviços, como ilustra a Tabela 15:

Tabela 15: Contribuição de valor adicionado percentual diferentes setores para o PIB de Edealina em 2017

Atividade econômica	Valor adicionado ao PIB em porcentagem
Agropecuária	39%
Indústria	27%
Serviços*	19%
Administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social	8%

Fonte: IBGE Cidades, elaboração própria.

*exclusive administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social

Naquela cidade, a administração pública é o setor que mais emprega, seguida pela agropecuária e pela indústria de transformação. Assim como Pontalina, em Edealina, os setores que mais empregam não são os que mais contribuem para o PIB municipal. A maior parte dos empregados tem entre 30 e 39 anos (Tabelas 16 e 17).

Tabela 16: Número de empregos formais em 31 de dezembro de 2018 em Edealina - Total das Atividades

Total das Atividades			
IBGE Setor	Masculino	Feminino	Total
2 - Indústria de Transformação	135	30	165
5 - Comércio	49	45	94
6 - Serviços	10	13	23
7 - Adm. Pública	115	210	325
8 - Agropecuária	158	27	185
Total	467	325	792

Fonte: RAIS, MTPS

Tabela 17: Número de empregos formais em 31 de dezembro de 2018 em Edealina - por faixas etárias

Faixas Etárias			
Faixa Etária	Masculino	Feminino	Total
2 - 14 a 17 anos	2	0	2
3 - 18 a 24 anos	53	24	77
4 - 25 a 29 anos	64	35	99
5 - 30 a 39 anos	160	104	264
6 - 40 a 49 anos	121	103	224
7 - 50 a 64 anos	64	55	119
8 - Acima de 65 anos	3	4	7
Total	467	325	792

Fonte: RAIS, MTPS

Em relação aos subsetores da indústria de transformação que empregam mais pessoas, percebe-se que eles são pouco expressivos no que diz respeito à empregabilidade da população e que o único subsetor que tem relativa expressividade é a indústria de produtos minerais não metálicos, que ficam concentrados em dois estabelecimentos (Tabela 18).

Tabela 18: Número de empregos formais e estabelecimentos da indústria de transformação por subsetor em Edealina

Indústria de Transformação 1º janeiro 2019	Nº empregos formais	Nº estabelecimentos
Indústria de produtos minerais não metálicos	147	2
Indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos	2	1
Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	18	4

Fonte: CAGED, elaboração própria

A partir desta seção, é possível concluir que a indústria de produtos minerais não metálicos é uma empregadora significativa, mas que a administração pública continua sendo a principal empregadora e é o setor agropecuário aquele que mais contribui para o PIB Municipal.

4.6 Economia de Edéia

Em Edéia, os setores cujo valor adicionado mais contribui percentualmente para o PIB municipal são indústria, serviços e em seguida agropecuária (Tabela 19).

Tabela 19: Contribuição de valor adicionado percentual diferentes setores para o PIB de Edéia em 2017:

Atividade econômica	Valor adicionado ao PIB em porcentagem
Agropecuária	26%
Indústria	31%
Serviços*	28%
Administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social	8%

Fonte: IBGE Cidades, elaboração própria.

*exclusivo administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social.

Nesse município, o setor que mais emprega é a indústria de transformação, seguida pela agropecuária e pela administração pública. Diferentemente das demais cidades, os setores que mais empregam são também aqueles que mais contribuem para o PIB municipal. A maior parte dos empregados tem entre 30 e 39 anos (Tabelas 20 e 21).

Tabela 20: Número de empregos formais em 31 de dezembro de 2018 em Edéia - Total das Atividades

Total das Atividades			
IBGE Setor	Masculino	Feminino	Total
2 - Indústria de Transformação	1421	254	1675
4 - Construção Civil	6	2	8
5 - Comércio	153	134	287
6 - Serviços	180	189	369
7 - Adm. Pública	220	327	547
8 - Agropecuária	492	74	566
Total	2472	980	3452

Fonte: RAIS, MTPS

Tabela 21: Número de empregos formais em 31 de dezembro de 2018 em Edéia - por faixas etárias

Faixas Etárias			
Faixa Etária	Masculino	Feminino	Total
2 - 14 a 17 anos	8	7	15
3 - 18 a 24 anos	283	113	396
4 - 25 a 29 anos	375	141	516
5 - 30 a 39 anos	847	303	1150
6 - 40 a 49 anos	499	290	789
7 - 50 a 64 anos	409	121	530
8 - Acima de 65 anos	51	5	56
Total	2472	980	3452

Fonte: RAIS, MTPS

Pode-se perceber que a indústria de transformação, a administração pública e a agropecuária são os setores que mais geraram empregos para os três municípios, além disso, a maior parte das pessoas empregadas, nos três locais, têm entre 30 e 39 anos.

O que se percebe (Tabela 22) sobre empregabilidade é que a indústria química de produtos farmacêuticos, veterinários, perfumaria (que é a categoria que está inserida a usina de etanol) é o subsetor mais expressivo da cidade, que concentra toda essa mão de obra em dois estabelecimentos, sendo que um provavelmente correspondente à empresa multinacional.

Tabela 22: Número de empregos formais e estabelecimentos da indústria de transformação por subsetor em Edéia

Indústria de Transformação 1º janeiro 2019	Nº empregos formais	Nº estabelecimentos
Indústria de produtos minerais não metálicos	24	5
Indústria metalúrgica	1	1
Indústria mecânica	5	3
Indústria do papel, papelão, editorial e gráfica	0	1
Ind. química de produtos farmacêuticos, veterinários, perfumaria, ...	1.483	2
Indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos	1	2
Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	25	5

Fonte: CAGED, elaboração própria

A respeito de Edéia, esta seção permite perceber que a indústria de transformação apresenta uma empregabilidade formal, mais especificamente a indústria química de produtos farmacêuticos, veterinários e perfumaria (que é a categoria que está inserida a usina de etanol), muito superior aos demais setores, e que a indústria também é o setor que mais contribui para o PIB municipal. Por fim, é interessante observar que a empregabilidade em todos os municípios é maior para indivíduos de trinta anos ou mais.

4.7 Repasses municipais para Pontalina, Edealina e Edéia

A partir da observação dos repasses municipais de IPVA, IPI e ICMS pode-se concluir que o município que mais recebe retorno financeiro do estado é Edéia (Tabela 23), em todo o período avaliado. Isso pode ser devido à presença da usina que é operada por uma empresa multinacional.

Tabela 23: Repasses de IPVA, IPI, ICMS descontado o valor do FUNDEB entre 2015 e 2018

Ordem	MUNICÍPIOS	IPVA	IPI - EXPORT	ICMS	Total geral creditado (sem FUNDEB)
		Creditado (80%)	Creditado (80%)	Creditado (80%)	
2018	EDEALINA	224.786,35	45.469,96	5.039.163,84	5.309.420,15
	EDEIA	1.156.423,96	128.729,80	14.428.682,08	15.713.835,84
	PONTALINA	1.245.972,51	69.273,55	7.759.834,21	9.075.080,27
2017	EDEALINA	200.217,40	24.399,11	2.900.948,39	3.125.564,90
	EDEIA	1.019.809,41	104.608,06	12.436.752,17	13.561.169,64
	PONTALINA	1.083.421,07	55.127,35	6.554.148,33	7.692.696,75
2016	EDEALINA	185.379,38	24.500,37	3.375.342,17	3.585.221,92
	EDEIA	995.214,25	76.462,18	10.220.039,57	11.291.716,00
	PONTALINA	1.044.218,52	45.299,98	6.235.703,07	7.325.221,57
2015	EDEALINA	122.365,46	29.451,88	3.498.764,01	3.650.581,35
	EDEIA	757.048,34	69.614,74	8.293.971,47	9.120.634,55
	PONTALINA	720.960,99	52.613,77	6.256.509,84	7.030.084,60

Fonte: Secretaria da Fazenda do Estado de Goiás, elaboração própria

A seção de indicadores, como um todo, revela aspectos importantes sobre as cidades. Elas apresentam perfis demográficos semelhantes, em relação à porcentagem de homens e mulheres, de razão de dependência e a relação de cor. Porém, Edealina possui uma população rural maior que as demais e a população economicamente ativa de Edéia é superior às demais.

Em relação a indicadores sociais, Edéia apresenta, proporcionalmente, mais famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família, mas é Edealina que possui, proporcionalmente, mais famílias inseridas no Cadastro Único. Edealina também possui, proporcionalmente, o maior número de famílias com renda de até 1/2 salário mínimo. Apesar de apresentar o pior Índice de Gini em 2010, Pontalina é a cidade que possui mais equipamentos ativos do SUAS, estando portanto mais equipada para lidar com as suas vulnerabilidades.

Sobre educação, os valores dos indicadores das cidades não ficaram muito distantes, mas para alguns indicadores como porcentagem de pessoas com ensino superior completo, Edéia mostrou valores maiores. Em relação a indicadores econômicos, Edéia se mostrou superior aos demais municípios, apesar de Edealina possuir o maior PIB *per capita*, e Pontalina apresentou indicativos de estagnação. Para todas as três cidades a contribuição da agropecuária, de serviços e da indústria para o PIB municipal foi importante, sendo que para o número de empregos, esses três setores também são os mais importantes.

5. Entrevistas nas cidades selecionadas

Conforme já foi mencionado, essa parte da pesquisa visa entender melhor a realidade dos municípios estudados a partir da perspectiva de entrevistados locais e entender em que medida ao contexto socioeconômico é favoreceu o desenvolvimento local. Assim, as perguntas visam entender quais são considerados os pontos fortes e os fracos das cidades, das atividades econômicas desempenhadas, como os atores públicos e privados podem contribuir para a cidade, como ocorre a movimentação de dinheiro das iniciativas econômicas, se os fornecedores e compradores são de fora ou se são da cidade e como os entrevistados enxergam as principais atividades econômicas e sua contribuição para a cidade.

Vale ressaltar que as entrevistas foram realizadas em dezembro de 2019 e janeiro de 2020, que somaram, no total duas semanas e poucos dias de campo. Foram entrevistadas 33 pessoas para compor esta parte do trabalho, sendo que as sessões duraram em média e aproximadamente 40 minutos. O roteiro das entrevistas vai ser disponibilizado em anexo.

5.1 Entrevistas de Pontalina

Pontalina é o município que apresenta a maior população dentre os municípios estudados, aquele apresenta alguns indícios de estagnação econômica e cuja indústria têxtil, caracterizada por várias confecções de roupa de pequeno e médio porte, junto com a agropecuária desempenham papel significativo na produção, empregabilidade e PIB do local. Nas entrevistas de Pontalina, foi possível perceber que boa parte dos entrevistados já trabalhou com agricultura e/ou pecuária ou então tem uma origem rural. Alguns também já trabalharam no comércio. Quase todas as confecções tem parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) ou então fez curso/tem funcionários que fizeram curso no Sebrae. É de opinião geral que a cidade cresceu ao longo do tempo.

Em relação às associações, foram entrevistadas duas: a Associação Comercial Industrial Agropecuária de Pontalina (Aciap) e Cooperativa Mista dos Produtores Rurais de Pontalina (Comprop). Nota-se que as duas buscam defender os interesses da sua classe, dos associados/sócios, mas a segunda possui também interesses comerciais, de interação direta com o mercado, sendo que os seus fornecedores são de Goiás, de outros estados do Brasil, como o Paraná, e de multinacionais. Seus clientes são quase todos de Goiás.

A primeira é a mais antiga, a segunda tem apenas 6 anos. As duas organizações possuem parceria com o Sebrae e apesar de as duas possuírem demandas ao poder público, a Aciap faz mais parcerias com ele do que a Comprop. De acordo com a Aciap, os empresários se queixam da falta de mão de obra qualificada em Pontalina. A Comprop mencionou a insuficiência de energia elétrica, de infraestrutura e de assistência técnica do poder público. As duas se queixaram da falta de coesão, interesse em ação conjunta dos seus associados, colaboração. Por terem uma atuação que influencia principalmente o comércio e o mercado locais, no nível de município e de estado, pode-se perceber que as duas contribuem para a dinâmica econômica de Pontalina.

No que diz respeito aos atores privados entrevistados, todos afirmaram já ter tido um contato prévio com o ramo no qual trabalham. Os confeccionistas ou conheciam alguém que trabalhava com isso, ou se inspiraram no que ocorria na cidade ou já tinham trabalhado vendendo roupas. Os agropecuaristas eram de famílias de fazendeiros. Porém, dos entrevistados, apenas um afirmou ter ensino superior.

No caso dos confeccionistas, foi afirmado em mais de uma entrevista que uma política de incentivo ao ramo realizada pelo prefeito então Edson Guimarães, nos anos 1990, foi importante para o desenvolvimento do setor. Esses incentivos incluíam crédito aos confeccionistas e cursos de corte e costura. Dessas confecções que usufruíram do incentivo, algumas não existem mais, mas outras continuam ativas. Alguns confeccionistas abriram seu negócio após o período dessa política e fazem questão de afirmar que não contaram com incentivo da prefeitura. Porém, vale ressaltar que o ambiente e contexto que favorecem a produção já estavam instalados.

Foi possível perceber que a quantidade de funcionários que possuíam os confeccionistas ou agropecuaristas variou de acordo com as proporções do negócio. Um empresário do ramo das confecções afirmou que tinha 320 funcionários (o maior número encontrado nas entrevistas) e um pecuarista afirmou que sequer tinha funcionários. Foi destacado que existem muitos homens trabalhando nas confecções de roupa, que este não é um trabalho exclusivamente feminino.

Alguns confeccionistas fazem compra de matéria prima em Goiânia, outros encomendam diretamente de outros lugares. Porém, o que existe em Goiânia são revendas de fábricas que produzem em outros estados. Os fornecedores são de outros estados, tanto para máquinas quanto para indústria têxtil, geralmente da Região Sul ou da Região Sudeste. No caso do agronegócio, os fornecedores variam de empresas regionais, nacionais e multinacionais, compra-se em revendedores locais ou por meio da cooperativa.

Em relação aos compradores, as vendas não se restringem ao município ou aos municípios próximos, vende-se bastante para municípios mais distantes e outros estados. Isso significa dinheiro de outros locais que é injetado na cidade, movimenta também outros comércios como restaurantes. No caso das confecções, essa modalidade de vendas movimenta tanto varejo quanto atacado.

Os pequenos agricultores vendem bastante para a cooperativa e esta para empresas maiores ou para pequenos compradores da região. Muitos confeccionistas afirmam que não estão no seu auge de produção nem de lucro, que já houve épocas mais produtivas, mais rentáveis. Os perfis variam, alguns querem apenas manter o que já têm, manter o seu padrão, outros querem expandir a sua produção.

Em relação à mão de obra, existem divergências. O curso de corte e costura possibilitou que haja uma mão de obra qualificada para desempenhar tarefas básicas, mas que ainda precisa ser capacitada ao começar a trabalhar nas confecções. Mas, pelo fato de haver

muitas confecções, e, portanto, muitos trabalhadores com experiência na área, existe um contingente significativo de pessoas bem preparadas para atuar no ramo. Apesar disso, houve reclamações vindas de donos de confecção em relação a qualidade precária dessa mão de obra. É mais barato, porém, manter a mão de obra em uma cidade do interior do que é uma cidade do porte de Goiânia, o que foi usado como justificativa por vários donos de confecção para atuar em Pontalina e não na capital. Duas das confeccionistas entrevistadas estão com as mesmas costureiras há muito tempo. Os costureiros costumam ficar muito tempo no mesmo emprego, já o cargo de vendedores varia mais.

Todos os entrevistados são membros de uma associação, em geral a Aciap ou então a Comprop. Uns mais ativos, outros menos. Fazem questão de ressaltar que não tem relações com o poder público. Porém, uma dona de confecção é esposa do prefeito. Alguns confeccionistas afirmaram ter tido apoio financeiro, incentivo, suporte, curso de capacitação ofertado pela prefeitura.

Foram entrevistadas, também duas trabalhadoras do ramo das confecções. Uma trabalha dentro de uma empresa, com contrato de CLT e a outra faz a chamada “facção”. Essa modalidade de relação de trabalho consiste em que o costureiro produz um determinado número de peças, fora do ambiente da empresa, e recebe o valor equivalente ao que produz. Geralmente, essas pessoas possuem as próprias máquinas e não possuem uma relação formal de trabalho.

Pelos relatos, foi possível perceber que trabalha-se muito em ambos os casos. Em uma das confecções, a carteira de trabalho assinada é de 40 horas e os funcionários trabalham 9h de segunda a quinta de 8h na sexta. Nas confecções a carteira é assinada e os empregadores recolhem o INSS. Na facção a carteira não é assinada e a entrevistada afirmou trabalhar de 12h a 14h por dia.

Porém, não existe flexibilidade nas confecções, os horários de trabalho são bem rígidos e a entrevistada afirmou ter dificuldade para resolver questões pessoais. O que levou a costureira de facção a optar por essa opção foi o fato de ela ter um filho especial, que precisa de atenção dos profissionais de saúde constante, e os contratantes de confecção não aceitam isso. Além disso, ela precisa fazer o serviço da casa e cuidar das sobrinhas. Nos dois casos, existem parentes que trabalham na empresa ou que fazem a facção juntos e as entrevistadas não fazem parte de associações ou sindicatos.

Os entrevistados do poder público afirmaram ter trabalhado antes com agropecuária e que não é o primeiro mandato de nenhum no trabalho da prefeitura. As pessoas do poder público que foram entrevistadas deixaram evidente a importância da administração pública,

como um forte empregador, e do agronegócio, como muito rentável para o município. Apesar de todos terem reconhecido a importância das confecções para a economia do município, foi afirmado que elas possuem práticas sonegadas de impostos.

Em relação à contribuição da prefeitura para a economia de Pontalina, foi afirmado que a prefeitura o faz gerando empregos e fornecendo cursos de capacitação por meio da parceria com o Sebrae. Além disso, a prefeitura já levou os confeccionistas para feiras em outros locais para expor os seus produtos, impulsionando a geração de renda para o município. Um dos entrevistados afirmou que esperava mais da parceria com o Sebrae, e que com exceção da Aciap, as associações não deram certo em Pontalina.

Foi afirmado, também, que a prefeitura não investe na economia, que não proporciona auxílios. Houve, durante um tempo, o interesse em trazer mais indústrias para a cidade, principalmente de laticínios, pois teriam a capacidade de gerar empregos e melhorar a renda local. Porém, foi afirmado que existe muita sonegação de impostos no município, o que resulta em dificuldades financeiras para o poder público, e, portanto, prefeitura não tem fôlego financeiro para isso.

Existe uma escola de corte e costura na cidade, a Cotec, que também tem uma máquina de corte onde as confecções podem levar os seus produtos, além dos cursos oferecidos pelo Sebrae. Inaugurou-se uma universidade em Pontalina, assim, as pessoas poderão estudar na cidade e também compraram alguns ônibus para fazer transporte universitário, de forma que os estudantes podem morar na cidade e estudar fora. A localização da cidade na geografia do estado foi encarada como um dos seus pontos positivos, além do fato de boa parte do dinheiro ganho na cidade ser gasto na cidade. Outro ponto positivo é o fato de já existir uma estrutura, logística que otimiza o trabalho da confecções. Dois pontos negativos em relação à cidade foram enumerados: o desemprego e a carência de moradias (problema habitacional).

É possível notar que apesar da emergência das confecções de roupas, a agropecuária ainda possui certo protagonismo econômico na cidade. O incentivo político foi um importante fomento inicial para alavancar as confecções no local. Elas podem parecer uma alternativa desejável, pois por ser uma atividade econômica pulverizada proporciona empregabilidade e, na teoria, distribuição de renda.

A maior parte da matéria prima das confecções não é da cidade, bem como os fornecedores dos agropecuaristas, e ambos possuem muitos clientes de fora da cidade, portanto, existem muitas trocas monetárias intermunicipais. Porém, o que se observa é que o município ainda possui problemas de desemprego (de acordo com os relatos) e que uma

externalidade negativa se torna presente, que é o trabalho precarizado realizado pelas facções. O poder público e as pessoas continuam na expectativa de que uma empresa grande se instale na cidade para gerar empregos.

5.2 Entrevistas de Edéia

Edéia é a cidade que apresentou os melhores indicadores econômicos, especialmente em relação aos *Rankings* de PIB, PIB *per capita* e IDH. É o segundo maior município estudado e sua economia se caracteriza por um peso muito grande da indústria, cujo expoente local é uma usina de etanol operada por uma empresa multinacional. Para as entrevistas com os atores privados, foi possível apenas falar com produtores rurais, em geral pequenos agricultores, pois a empresa multinacional, que é a atual dona da usina de cana de açúcar, não quis conceder a entrevista.

Em geral, os produtores também são de famílias de origem rural. A variedade mais produzida é a soja, mas alguns também se dedicam ao milho e à cana de açúcar, alguns possuem criação de gado. Um dos produtores é fornecedor da multinacional, outro, sequer possui terras próprias e planta por meio de arrendamentos. É possível perceber, portanto, um perfil bastante heterogêneo dos entrevistados.

Em relação aos funcionários dos produtores, um afirmou ter seis e outro oitenta, mas no período da colheita eles contratam mais. Via de regra, são todos de Edéia. O que tem mais funcionários emprega os mesmos funcionários há bastante tempo, prefere assim. No que diz respeito aos fornecedores, em geral são revendas da cidade, pequenas, que vendem produtos de empresas multinacionais como Syngenta, Dupont, Basf. Mas também são realizadas algumas compras por meio de cooperativas, até de outras cidades. Os clientes em geral são empresas como Cargill, Bunge, Caramuru ou então cooperativas, mas para cana de açúcar o cliente preponderante é a empresa multinacional.

Ao perguntar sobre o porquê de se produzir em Edéia e não em outros locais, foi possível perceber que existe um vínculo pessoal. Um dos produtores inclusive reconhece a dificuldade de disputar por arrendamento de terras com a empresa multinacional, que arrenda para produzir cana de açúcar, mas o seu vínculo pessoal com a cidade é tão forte que escolhe ficar nela. Outro produtor afirmou que a presença da empresa é vantajosa porque ela é sua cliente também.

Em relação às dificuldades enfrentadas na produção, foi mencionada a insuficiência de energia elétrica, a dificuldade de se realizar investimentos e de comprar máquinas, além das questões habituais da atividade, como o clima imprevisível. Um dos produtores reclamou de forma contundente da presença da cana de açúcar e da disputa por terras para produção, que acontecem devido à presença da empresa multinacional. Outro produtor se queixou das pessoas que trabalham na usina, que muitas delas não gastam dinheiro na cidade, não interagem com o cotidiano do município. Eles fazem o contraponto com os produtores rurais que são fiéis à cidade, que efetivamente contribuem para a economia local. No que diz respeito à cidade em si, o desemprego foi mencionado como o seu maior problema atual.

Pode-se perceber que os produtores pequenos costumam gastar o seu dinheiro dentro da cidade, enquanto os mais abastados o fazem fora dela também. Alguns até realizam investimentos como a compra de apartamentos, por exemplo. Um dos entrevistados faz parte do sindicato, mas não é atuante nele, chamou-o de “classe desunida”. Assim, alguns escolhem não fazer parte de sindicato nem associação.

Foi afirmado que alguns produtores tiveram que sair da cidade por causa da cana, eles não conseguiram competir com o preço do arrendamento. Um produtor entrevistado acredita que houve uma saturação da cana, que hoje existem muitos funcionários da multinacional que não são da cidade e, portanto, não gastam o seu dinheiro nela. Além disso, a empresa possui a sua própria oficina mecânica, não possibilitando que os locais realizem esse tipo de serviço para ela, limitando a capacidade de geração de emprego que ela poderia ter. Mas, afirma também, que ela contribuiu para melhorar parte das estradas locais. Ele também relatou que a cidade já teve problemas com queimadas que se iniciaram em terras arrendadas pela multinacional, não prestaram contas, o fogo pegou parte de uma reserva. Já um grande produtor entrevistado acha que a vinda da multinacional trouxe emprego e valorizou muito o preço das terras da cidade.

As entrevistas com os atores do poder público foram feitas com pessoas que trabalham na prefeitura ou já trabalharam nela seja. Muitas pessoas que trabalham ou trabalharam no poder público possuem alguma relação com a área rural, seja porque possuem terras ou a família possui terras. Foi afirmado que é o quarto mandato do prefeito atual, que já chegou a ser eleito uma vez como sendo a chapa única da eleição. É um ator político de peso para a cidade. Os cidadãos, em geral, são muito satisfeitos com a sua administração.

As opiniões dos atores do poder público divergem mas, em geral, a usina, o agronegócio e a prefeitura são apontados como os maiores empregadores. No que diz respeito à multinacional, a sua presença, de forma geral, é tida como positiva, pois ela gera emprego e renda para a cidade e também gera dinheiro para os pequenos produtores que arrendam as terras para a produção de cana. Houve relatos de pessoas que acreditam que os funcionários da multinacional também gastam dinheiro em Edéia, movimentando o comércio local. Foi enfatizado que a usina também contribuiu para as finanças do município na medida em que paga impostos como o ISSQN. Porém, foi afirmado que a empresa é centralizadora, como já mencionado, e que se suprem por conta própria, sem contratar a mão de obra local. Mas, foi dito também que de certa forma, a existência da empresa multinacional contribuiu para o comércio e varejo locais, e por vezes até para o setor hoteleiro.

Foi relatado nas entrevistas que o polo econômico mais próximo é Goiânia, então, ter a multinacional na cidade desloca um pouco o foco econômico para fora da capital. Além disso, alguns entrevistados acreditam que a usina foi um divisor de águas, que mudou o perfil da cidade. Houve um relato de que a presença de uma multinacional na cidade “significa que existem pessoas boas o suficiente na cidade para trabalhar em uma multinacional”. Além disso, ela doou uma ambulância para o município.

As entrevistas mencionaram que, no período de construção da usina, houve uma migração de mão de obra para a cidade para realizar a construção, algumas pessoas do norte e do nordeste se instalaram na cidade. Em determinadas épocas, a usina demanda mais mão de obra, assim ocasionalmente ela tem mais funcionários.

Inicialmente, conforme relatado, a usina era de outro grupo, de um fazendeiro que era vizinho do prefeito, e com isso o prefeito começou a plantar cana para esse fornecedor inicial. Depois a usina foi comprada pela BP e o prefeito e sua família continuaram como fornecedores. Foi afirmado que alguns outros produtores também plantam cana para a usina, mas a maior parte arrenda as terras para que o plantio seja feito pela própria multinacional. Porém alguns produtores que não conseguiam competir com a multinacional para arrendar as terras foram embora da cidade.

Alguns entrevistados também acreditam que o agronegócio seja o principal ramo produtivo da cidade, principalmente a produção de soja, que proporciona a maior contribuição para a cidade, pois existe um forte vínculo das pessoas locais com a terra, com

plantio e o gado. Além disso, esse ramo seria o que contrata mais pessoas locais, que consomem bastante no comércio local.

O prefeito reiterou que gostaria que alguma empresa se instalasse na cidade, que ela está preparada, tem bom saneamento e iluminação pública, poderia até fazer um aeroporto se necessário. Também foi mencionado em outras entrevistas que existe esse desejo de que uma empresa de fora venha para a cidade. Foi afirmado pelos entrevistados que a maior contribuição que a prefeitura dá para a economia local é pagar os seus servidores em dia, para que consumam e movimentem o comércio. Assim, ela não realiza incentivos econômicos mais específicos. Estar perto de Goiânia por vezes foi mencionado como uma coisa boa porque estão próximos de um polo econômico e centro de distribuição, mas por vezes ruim porque as empresas preferem se instalar em Goiânia.

Foi afirmado que a prefeitura da cidade fez um grande esforço para ampliar os serviços de educação e saúde. Em relação ao primeiro, foram comprados 4 ônibus para levar os alunos da cidade que fazem faculdade em outras cidades para o seu centro de estudo e depois trazer de volta. Esse tipo de transporte permite que os jovens estudem sem terem que se mudar da cidade. Um campus da Universidade Estadual de Goiás também foi criado na cidade. Além disso, foi afirmado que ela proporciona um bom serviço de saneamento básico, iluminação, asfaltamento e habitação. A prefeitura não tem parcerias, só alguns convênios.

Em relação às principais dificuldades que a cidade enfrenta, existe a de explicar para o contribuinte porque é importante que ele faça a parte dele também, pois de acordo com alguns entrevistados, existe muita sonegação de IPTU na cidade. Existe também a insuficiência de verba para atender a todas as necessidades da cidade, um elevado desemprego além de abuso de drogas ilícitas entre os mais jovens.

Foram realizadas entrevistas com dois atores da sociedade civil, uma em um sindicato e a outra com um professor escolar. A partir deles foi possível perceber que a usina continua sendo encarada como empregadora mais importante e como tendo um papel fundamental para a economia local. Foi afirmado que sindicato possui processos trabalhistas contra a usina, mas enfraqueceu muito.

O professor entrevistado acredita que a economia da cidade melhorou e que não apenas as empresas mas a gestão da prefeitura ajudou muito nisso. Tanto o entrevistado do sindicato quanto o professor elogiaram a cidade e o prefeito. Além disso, também

comentaram do desemprego como sendo um dos principais problemas da cidade e do desejo que uma empresa se instale nela para gerar vagas de trabalho. Por fim, o abuso de drogas entre os jovens e o crime foram mencionados como problemas graves na cidade, principalmente após a instalação de um presídio nela.

Apesar de a entrevista com algum membro da multinacional não ter sido realizada, as informações coletadas na cidade foram valiosas. Pode-se perceber que a presença da usina de etanol trás benefícios fiscais e gera empregos para o município, mas ao mesmo tempo realiza uma concorrência desleal no que diz respeito ao arrendamento de terras, de acordo com os relatos ouvidos. Em geral, a população demonstrou estar muito satisfeita com a administração pública, que, aparentemente teve um papel central no desenvolvimento da cidade. Assim como em Pontalina, os fornecedores e clientes dos produtores rurais não são, em sua maioria, do município e alguns são até multinacionais. Na cidade, não existe uma cultura empreendedora, tendo sido afirmado mais de uma vez que se espera que uma empresa de fora se instale na cidade para gerar empregos, sendo que foi afirmado que a maior contribuição que a prefeitura pode dar para a economia local é realizar o pagamento dos servidores em dia, para que eles gastem o dinheiro e movimentem o comércio.

5.3 Entrevistas de Edealina

Edealina é o menor dos três municípios estudados, seus indicadores sociais e econômicos são medianos, mas o seu PIB *per capita* é o maior. A administração pública é a maior empregadora formal, seguida pela agropecuária. Além disso, opera no local uma grande empresa de extração mineral. De acordo com os atores públicos entrevistados, o trio que mais gera emprego é a produção de soja, a prefeitura e a grande empresa. Cada um possui uma contribuição específica para o município. Foi ressaltado que o agronegócio e principalmente a produção de soja são importantes economicamente. Porém, houve divergências em relação à capacidade do setor de gerar empregos, além de ter sido afirmado que alguns produtores burlam impostos.

A presença da grande empresa no território teve ampla discussão nas entrevistas. A ideia inicial de se ter uma grande empresa no município veio de um antigo vereador que acreditava que existiam, na região, os recursos e matérias primas necessárias para a operação desse ramo de empresa, e ele então passou a buscar que uma empresa de grande porte se instalasse na região. Foi afirmado que, de certa forma, ela contribuiu significativamente para

o crescimento da cidade, pois no período da sua construção foi ela pagou muitos Impostos Sobre Serviços de Qualquer Natureza (ISSQN) e atraiu uma grande migração de mão de obra. Porém, quando a construção acabou, boa parte dessas pessoas não passou a trabalhar na operação da empresa e ficou desempregada ou então saiu da cidade. Além disso, a empresa prometeu mais empregos do que ela efetivamente gerou, mas uma das hipóteses levantadas para isso é que ela ainda não esteja operando com capacidade máxima.

A empresa, no momento, não paga ICMS, uma prática que pode ser encarada como guerra fiscal, pois está em período de isenção fiscal, e não houve uma previsão objetiva de quando vai começar a pagar. Foi afirmado que a empresa construiu uma rodovia nas proximidades da cidade e assim, ela não precisará pagar o imposto temporariamente. Também foi mencionado, por mais de um entrevistado, que se esperava muito com a construção da fábrica e as expectativas não foram alcançadas.

Na época em que a sede da grande empresa estava sendo construída o preço dos imóveis locais subiu bastante. Estima-se, pelo que foi falado nas entrevistas, que ela possua em torno de 127 funcionários e empregue pessoas de Edéia, Edealina, Mairipotaba, Cromínia, entre outros locais. Foi afirmado, também que, para algumas funções, a empresa precisa de uma mão de obra qualificada que não é encontrada na cidade. Assim, algumas das pessoas que são empregadas são de fora da cidade e escolhem outros municípios maiores, que são próximos, para morar.

Foi relatado que a indústria também possui uma preocupação social, com o desenvolvimento do município. Quando ela se instalou, fez vários cursos profissionalizantes em parceria com o Sebrae. Construiu uma unidade básica de saúde, trouxe um aparelho de raio x e um de ultrassom. Além disso, ela elaborou e doou um plano diretor para o município, que é, na visão de um dos entrevistados, inócuo. Além disso, ela possui projetos na área de educação.

Graças à presença dessa fábrica, a prefeitura conseguiu um veículo de Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU), fazendo negociações com o governo do estado e usando o argumento de que a presença de uma fábrica como essa, cuja atividade possui certo risco para a saúde dos funcionários. A empresa também elaborou um plano pedagógico para o município. Foi feita uma parceria com a empresa pela educação, na cidade, eles estão atuando com educação do primário. Os professores participam de atividades formativas e

também são feitos cursos de capacitação para alguns gestores de educação. A empresa escolheu não dar dinheiro para o projeto com educação, ela fornece outros recursos. Além disso, são feitas avaliações de aplicação desse projeto conjunto de educação, havendo, em alguns casos, até premiações. Todos os anos, a empresa refaz o acordo de trabalho com a secretaria de educação do município.

Os entrevistados relataram que, formalmente, não existe na cidade políticas de incentivos a economia. A única medida que se aproxima disso foi uma doação de lotes públicos, realizada pela prefeitura, para que se instalassem pequenas empresas, mas isso não deu grandes resultados ainda. Foi dito, também, que incentivar o agronegócio é importante já que ele é forte na cidade. Foi afirmado que a prefeitura chegou a tentar, assim como Pontalina, gerar empregos por meio do incentivo ao mercado de confecções, medida que não foi detalhada, mas que essa tentativa não deu muitos resultados. A prefeitura tentou, ainda, montar uma cooperativa de catadores de lixo e um sindicato dos trabalhadores, mas nenhuma dessas iniciativas deu certo. Ao perguntar para a prefeitura o que seria desejável que se tivesse na cidade, foi mencionado uma “indústria de cana”, pois ela gera muito ICMS, também foi mencionado que uma empresa que trabalha com ferragem quase se instalou na cidade, mas não deu certo. Também foi dito que seria interessante que existissem confecções de roupa, pois é um setor que gera muitos empregos.

A cidade não possui escolas técnicas. Foi dito que o governador queria fundir escolas para cortar gastos, então escolas seriam fechadas e os alunos que ficaram desatendidos passariam a frequentar escolas de locais próximos. Assim como em outras cidades, Edealina possui transportes universitários para transportar alunos que fazem faculdade nos municípios vizinhos.

Ao perguntar sobre os pontos fortes da cidade, as opiniões expostas na prefeitura foram que a soja é o que mais tem peso, por mais que ela não tenha a capacidade de gerar tanto emprego e impostos quanto se gostaria. Foi dito também que o ponto forte é a renda do funcionário público, pois em dia de pagamento o dinheiro circula bem pela cidade.

A cidade tem sérios problemas com energia elétrica, desemprego e segurança (esse último só mencionado apenas por um entrevistado). Sobre a questão do desemprego, foi mencionado que para que uma empresa queira se instalar no município ela procura mão de obra qualificada e fácil escoamento da produção, diferente do que se observa na cidade, e o

seu tamanho desestimula a vinda de empresas. Outro problema mencionado foi a escassez de recursos, que são insuficientes para toda a gestão do município. Foi comentado, por fim, que existe uma dependência do município em relação aos recursos que vem do governo estadual e do governo federal.

Em relação aos atores privados, foram entrevistados três produtores rurais e um funcionário da empresa grande. Os produtores nasceram na cidade e suas famílias têm vínculos com a produção rural. O funcionário da grande empresa não nasceu em Edealina e não mora nela, apenas trabalha no local.

Na entrevista com o funcionário da grande empresa, foi mencionado que ela busca ter uma política de governança bem estabelecida, que não quer ter relações diretas com o poder público, se algum funcionário da empresa assume algum cargo público, ele deve se desligar da empresa. Buscam também ter uma política forte de segurança no trabalho. Em outras entrevistas, foi recorrente a menção ao problema da insuficiência de energia elétrica, mas a empresa grande não têm esse problema pois obtém o recurso diretamente por meio do mercado livre de energia.

Em relação às pessoas que trabalham na empresa grande, foi afirmado que ela possui, aproximadamente, 150 funcionários próprios, 50 funcionários fixos e 300 autônomos. Mas nem todos eles são de Edealina, são também de locais mais distantes e também da zona de influência da empresa (como Edéia, Edealina, Palmeiras, Cesarina). Em nível de serviços, foi afirmado, que podem ser contratadas pessoas da região, para realizar atividades como consertar o ar condicionado, por exemplo. Mas, para se assumir um cargo de liderança na empresa, foi afirmado que é necessário que se possua ensino superior.

Existem três níveis de cargo na empresa: liderança, técnico e operacional. Para os cargos operacionais, busca-se desenvolver, capacitar os profissionais da região. Pode-se perceber a partir da entrevista que existe investimento na formação dos funcionários, na sua capacitação, levando os funcionários para fazer cursos em lugares que têm boas práticas. Além disso, a empresa grande afirmou que possui uma parceria com o Senai e o Sebrae para a capacitação dos funcionários. Buscam sinergia dentro da empresa, compartilhar o conhecimento.

Na entrevista com a grande empresa, foi comentado que existe o desejo de desenvolver as capacidades técnicas da comunidade local, e gostariam também que dentro

dos próximos anos houvesse um cargo de liderança dentro da empresa ocupado por alguém da região. Em relação à localidade, a empresa opera onde existe a matéria prima, por mais que seja em locais isolados, assim, não existe nenhum atrativo específico da cidade, mas tão somente o fato de ela possuir os recursos naturais necessários para a operação da empresa. O funcionário da grande empresa mencionou que: para que haja uma quebra com o paradigma do agronegócio, é preciso que haja incentivos do governo, também é preciso que haja uma relação econômica que favoreça a sua criação. Ele acredita que é necessário mapear a matéria prima da região para se planejar o seu desenvolvimento.

Em relação aos fornecedores da grande empresa, foi afirmado que eles não são de Edealina e que são realizados grandes contratos de compras, mas tanto em fornecimento quanto em consumo, a maior parte gira em torno do estado de Goiás. Por fim, ao perguntar sobre os pontos negativos ou dificuldades de se trabalhar na cidade, a empresa grande não mencionou dificuldades, apenas que é necessário adaptar-se ao contexto local, que existem fraquezas e ameaças para atividade para as quais se deve estar preparado.

As entrevistas com os produtores rurais revelaram outra perspectiva sobre a atividade econômica na cidade. Eles afirmaram que não tiveram incentivos governamentais para a sua atividade, mas que a boa manutenção das estradas já poderia ser um incentivo. Foi possível perceber que número de funcionários das organizações do agronegócio varia. Uma das empresas tinha 10 funcionários, a outra tinha 78 e a outra não tinha nenhum. Existe a preocupação por parte de uma das organizações de contratar funcionários que são de Edealina, uma até contratou uma empresa de RH para ajudar a encontrar pessoas que possuem ensino superior e que estão morando fora da cidade no momento e que poderiam voltar para trabalhar na cidade. Porém foi afirmado que para alguns cargos é necessário buscar pessoas qualificadas de fora da cidade.

Nas entrevistas, foi comentado que os fornecedores dos produtores rurais costumam ser multinacionais, como Nidera, Syngenta. Algumas compras são feitas em revendedoras de outras cidades e alguns serviços também precisam ser buscados fora. Existe a possibilidade também de realizar as compras por meio de uma cooperativa. No que diz respeito aos clientes, muitos são multinacionais, como Bunge, ADM, mas também empresas nacionais, como a Caramuru. Também foi mencionado que os principais mercados são Pontalina e Edéia, mas também existem vendedores em outros locais. Um dos entrevistados presta

serviço para algumas multinacionais como Syngenta e Nidera. Foi afirmado que em geral, os ganhos das atividades dos produtores são gastos na cidade.

As entrevistas foram realizadas no período anterior a pandemia, mas mesmo na época não existiam grandes ímpetus de investimento. Alguns dos produtores rurais comentaram que gostariam de expandir seus negócios, outros que gostariam de se estabelecer melhor na região e outros que não possuem desejos de expansão.

Os produtores disseram que gostam de estar na cidade porque ela proporciona qualidade de vida e as estradas estão satisfatórias. Para estes, existe as dificuldades de atuação que estão ligadas à natureza da atividade, como a imprevisibilidade do clima. Mencionaram também a falta de mão de obra qualificada, problemas com energia elétrica, peso da carga tributária. Os entrevistados não fazem parte de nenhum sindicato no momento, não possuem relações, parcerias com o poder público, com exceção de um deles é associado do CREA, do Conselho Regional dos Produtores Comerciais e da Associação de Distribuidores do Brasil. Houve também a queixa de que a prefeitura deixou de fazer investimentos para gerar empregos.

Um dos produtores rurais realiza uma série de práticas assistencialistas na região, como incentivos ao estudo e educação por meio do esporte, a realização de trabalho em parceria com a igreja, distribuição de cestas básicas, apoio para um abrigo de idosos, conscientização infantil para a preservação do meio ambiente, entre outras coisas. Os produtores também falaram da mudança que houve na cidade com a vinda da empresa grande, da expectativa da geração de empregos, do aumento da renda de impostos do município. Não enxergam a presença dela como negativa.

O desemprego foi mencionado nessa cidade, como nas outras duas, como um problema grave. A presença da grande empresa mineradora não é o suficiente para lidar com isso, também existe o desejo, no local de que outra empresa ali se instale para gerar empregos. Esta empresa também está em período de isenção fiscal, um forte estímulo econômico para ela, mas ela busca deixar um legado positivo no município por meio de ações nas áreas de saúde e educação. Assim como nos outros dois lugares, a agropecuária possui um papel relevante para a economia local, ainda que a maior parte de seus clientes e fornecedores sejam de outras localidades.

A partir das entrevistas pode-se concluir que nas três cidades, existe um desejo forte de que uma empresa ou seja uma iniciativa econômica externa se instale no município. Esses municípios não possuem políticas de incentivo econômico e não existe por parte da maior parte dos entrevistados uma mentalidade empreendedora, de buscar iniciativas e atividades econômicas que sejam de dentro da cidade.

Essa empresa é encarada como a solução para o desemprego local e como uma fonte de renda a mais para a prefeitura e como dinamizadora do comércio local. Foi possível perceber que o agronegócio, em específico a produção de soja está presente e possui um papel importante nos três locais. O desemprego foi mencionado nos três municípios como um problema relevante.

As três cidades tiveram visões positivas e negativas a respeito das iniciativas econômicas. As confecções em Pontalina geram emprego mas já são um setor saturado, e tido até como sonegador. A multinacional em Edéia gera impostos, emprego e gira a economia municipal, mas é um concorrente desleal, por ser muito mais rico, no arrendamento de terras em relação aos outros municípios. A empresa grande em Edealina gera empregos, mas menos do que o esperado e gira a economia menos o que o desejado.

Importante ressaltar que mesmo nas cidades que já possuíam empresas grandes, os problemas de desemprego e os econômicos não deixaram de existir magicamente. A presença dessas empresas por si só não resolve as questões locais. Em relação a Edealina, também se coloca uma questão, o quão benéfico é deixar que uma empresa não pague impostos como o ICMS (e faça guerra fiscal) mas realize ações em outras áreas como saúde e educação ao invés de pagar impostos e deixar que a comunidade local e a administração pública local decidisse o que fazer com esse recurso?

6. As três cidades avaliadas do ponto de vista bibliográfico

O intuito dessa pesquisa é entender como foram as trajetórias de desenvolvimento de Pontalina, Edealina e Edéia. Cabe, portanto, compreender o que se está chamando de desenvolvimento. Como afirma Burgos (2013), ao buscar definição desse conceito na literatura, encontra-se forte polissemia. Ou seja, não existe um enquadramento único e que seja de consenso para a comunidade científica.

Celso Furtado compreende que o que se está buscando com o desenvolvimento econômico é que a produtividade física média do fator trabalho seja aumentada (Furtado, 1951), de forma que os trabalhadores sejam capazes de aumentar o seu potencial produtivo.

Assim, o processo de desenvolvimento econômico se daria por meio de mudanças na forma e proporções na maneira como são combinados os fatores de produção (Furtado, 1951). Essa é uma concepção bastante heterodoxa, que não enxerga o desenvolvimento de forma multidimensional. A partir dessa visão, pode-se entender que os processos ocorridos nas três cidades resultaram em desenvolvimento, pois a incorporação tecnológica na produção industrial e na agropecuária aumentou a produtividade dos trabalhadores.

Já Bresser-Pereira diferencia desenvolvimento econômico de desenvolvimento humano. O primeiro consiste “um processo histórico de acumulação de capital incorporando conhecimento técnico que aumenta o padrão de vida da população” (Bresser-Pereira, 2014, p.53). Este só faz sentido quando melhora a qualidade de vida dos mais pobres (Bresser-Pereira, 2014). Enquanto o segundo “é o processo histórico pelo qual as sociedades nacionais alcançam seus objetivos políticos de segurança, liberdade, avanço material, redução da injustiça social e proteção do meio ambiente a partir do momento em que realizam sua Revolução Capitalista” (Bresser-Pereira, 2014, p.36). Fica evidente que o autor possui uma visão mais abrangente sobre o tema, não o restringindo apenas a aspectos produtivos e ressaltando que um processo só é desenvolvimento quando reflete em melhoria de qualidade de vida da população, ou seja, tem a população como finalidade, não um meio.

Em sua tese de doutorado, Fernando Burgos (2013) aborda desenvolvimento econômico não apenas do ponto de vista macroeconômico, mas local em que a renda gerada é apropriada localmente. Ele também deixa clara a sua visão de que este processo deveria implicar na redução das desigualdades sociais (Santos, 2013). Como esses são um problema de muito difícil resolução e como o governo federal falha em tentar mitigá-lo, caberia aos governos locais criar políticas capazes de fazê-lo. Porém, por muito tempo a municipalidade foi entendida como submissa aos governos estaduais e federais, dependente nos quesitos financeiros, políticos e técnicos, além de incapaz de criar políticas para atender à realidade local (Burgos, 2013; Spink, Clemente, Keppker, 1999).

Outro autor importante que aparece na tese e debate sobre desenvolvimento é Flammang (1979). Ele também realiza a diferenciação entre crescimento e desenvolvimento econômico, sendo que no primeiro, apenas acontece um incremento do que já existia, enquanto o desenvolvimento implica em mudanças estruturais. Um exemplo desse tipo de mudança seria redistribuição de renda, que modifica a estrutura da sociedade.

Torres-Freire e Comin (2009) afirmam que deve haver uma diferenciação entre crescimento e desenvolvimento econômico. De acordo com os autores, o Consenso de Washington teria reduzido o entendimento de desenvolvimento econômico apenas à

qualidade das finanças públicas e ao crescimento econômico. Mas os autores entendem que o fenômeno não pode ser compreendido apenas por fatores quantitativos, antes que é necessário compreender também como os ganhos gerados são distribuídos e aproveitados (como se pode perceber, há aqui uma afinidade com o que é defendido por Fernando Burgos) e a capacidade que as atividades econômicas têm de se sustentar no longo prazo. Assim, é defendido que se analise o desenvolvimento do ponto de vista do par qualidade/sustentabilidade.

Um fator que deve ser levado em conta para se analisar o desenvolvimento do ponto de vista local e que foi apontado por Torres-Freire e Comin são as “relações e interações sociais não necessariamente econômicas” (Comin; Torres-Freire, 2009, p.103), como os vínculos sociais (sejam familiares, afetivos, religiosos, entre outros), as organizações, as instituições, os grupo identitários e o próprio espaço urbano. (Comin; Torres-Freire, 2009) Nos dois municípios estudados pelos autores, fica evidente a influência desses fatores e da atividade do setor público no desenvolvimento e na atividade econômica.

O município de Santa Rita do Sapucaí é um polo de eletrônica e informática. Foi desenvolvido com atuação do poder público, sociedade civil e setor privado. A atividade econômica gira em torno de pequenas e médias empresas voltadas para o setor da informática e que realizam trocas comerciais entre si, prevalecendo entre elas relações de cooperação. Na cidade, a preparação e formação da mão de obra, por meio de escolas técnicas, por exemplo, eleva a qualidade dos serviços prestados e contribui para a sobrevivência das empresas. Tem-se, portanto um modelo de desenvolvimento com chances altas de se perpetuar no tempo (Comin; Torres-Freire, 2009).

O modelo de Santa Rita seria o que mais se aproxima de Pontalina, que também possui uma economia com forte influência de pequenas empresas (mas que inicialmente também teve importância o setor rural), que teve um incentivo inicial do setor público e também que possui locais de capacitação para a atividade econômica. É importante destacar também que a primeira cidade possui um padrão de competição de mais alto nível, enquanto a segunda possui um padrão competitivo dependente de custos e informalidade, percebido pela facções.

Já o município de Ilhéus, estudado também no artigo dos autores, apresenta uma trajetória diferente. Nela, a formação do polo econômico se deu principalmente por meio de incentivos fiscais do governo, para atrair empresas de grande porte. Foi relatado, porém que elas não possuíam uma integração tão forte com a economia local, não empregavam tanto a mão de obra da cidade (principalmente por exigirem certo grau de qualificação para as suas funções), e estabelecem relações competitivas e não cooperativas entre si, de forma que os

autores afirmaram que a durabilidade deste modelo é frágil. As estruturas econômicas presentes em Edéia e Edealina são semelhantes, mas são muito mais dependentes de uma só empresa do que Ilhéus. Além disso, o fato de as empresas necessitarem dos recursos naturais do local mostra que elas estarão nesses locais apenas enquanto o recurso existir.

Tanto nos municípios estudados por Comin e Torres-Freire quanto nos municípios estudados nesta pesquisa, pode-se perceber a influência de atores não econômicos no desenvolvimento da cidade. Além disso, também é perceptível que as interações que a atividade produtiva têm com a cidade também são determinantes na busca de um desenvolvimento que não é apenas pautado em números.

Para entender melhor a economia local das três cidades estudadas, buscou-se usar a classificação que Ann Markusen faz para o que ela chama de distritos industriais. Ela oferece, dessa forma, quatro tipos ideais de distritos industriais, o marshalliano, o centro-radial, a plataforma industrial satélite e o suportado pelo Estado. A cidade de Pontalina possui algumas características dos distritos marshallianos, tendo em vista que a maior parte das empresas é de pequeno porte, que contribuem significativamente para a empregabilidade local. Existe a Aciap que contribui com suporte técnico e treinamento, porém, essas relações de trocas de experiências e conhecimento, e o apoio da prefeitura para a atividade estão bem enfraquecidos (Markusen, 1995).

Já Edealina e Edéia se aproximam mais dos distritos plataforma satélite, que possuem uma planta industrial de uma empresa cuja sede fica fora do município e que a maior parte das decisões também são tomadas fora dele. Esses locais também são caracterizados por não possuírem uma rede de fornecedores locais, e por não realizarem investimentos compartilhados com os locais. Esse não enraizamento social também resulta em boa parte, do fato de a mão de obra dessas grandes empresas ser de fora do município (Markusen, 1995).

É interessante reparar que o mais interessante para um desenvolvimento local que reduz desigualdades acontecer, os distritos marshallianos mencionados por Markusen seriam os que mais oferecem condições favoráveis. Apesar disso, o município estudado que mais se aproxima desse modelo, Pontalina, apresentou indicadores sociais muito frágeis e o pior desempenho econômico entre os três.

O autor espanhol Antonio Vázquez Barquero fala de como cidades pequenas esperam grandes plantas industriais ao invés de buscar alternativas econômicas por conta própria (Vázquez-Barquero apud Santos, 2013). Esse fenômeno foi muito observado nas entrevistas

realizadas nos três locais. Em todos eles foi afirmado que se esperava que uma empresa se instalasse no local, de preferência de algum setor da economia que gerasse muitos empregos.

Almeida (2002) (apud Santos, 2013), por sua vez aborda o papel das pequenas empresas para o desenvolvimento local, e o foco dele não está apenas na eficiência econômica desses empreendimentos, mas na sua eficácia social. Elas seriam capazes de gerar mais empregos porque possuem uma utilização de capital reduzida e assim melhorar a distribuição de renda. Em Pontalina, por exemplo, a presença de várias empresas de pequeno porte, em contraponto às outras duas cidades, deveria contribuir para a redução das desigualdades locais, porém, o que se percebe é que a cidade apresenta a maior porcentagem de pobres, de extremamente pobres e o pior índice de Gini entre os três locais.

A tese de Burgos também menciona os autores Pike, Rodriguez-Pose e Tomaney que falam da dimensão quantitativa e da dimensão qualitativa do desenvolvimento. A primeira pode ser medida por meio do PIB *per capita*, o número de empregos gerados, novas empresas criadas ou projetos de investimentos garantidos. Já a segunda é voltada para a sustentabilidade econômica, social e ambiental, a qualidade e o tipo dos trabalhos criados, o potencial de crescimento das firmas criadas e a integração dos investimentos. A partir disso, não basta apenas observar dados objetivos a respeito dos municípios. Edealina, por exemplo, possui um PIB *per capita* bastante elevado mas não se pode afirmar que isso se reflete em aumento no número de empregos ou em integração de investimentos.

Os autores também ressaltam que reproduzir experiências que deram certo em diferentes contextos não gera, necessariamente, resultados significativos. Assim, é possível entender porque a tentativa do prefeito de Edealina de trazer confecções para a cidade não deu tão certo quanto ele imaginou, baseado na experiência de Pontalina. Dessa forma, os autores reforçam que é preciso levar em conta as particularidades de cada local, mesmo questões como cultura, perspectivas sociais, preocupações ambientais e a política para definir estratégias de desenvolvimento que se adequem ao contexto local.

Os mesmos três autores também falam que raramente as populações locais são livres para escolher como serão as suas trajetórias de desenvolvimento e que grupos de interesse frequentemente tomam as rédeas para moldar o desenvolvimento ao seu interesse (Pike; Rodriguez-Pose;Tomaney, 2006 apud Santos, 2013). Isso fica evidente nos casos das três cidades em que as iniciativas econômicas dominantes, principalmente de Edéia e Edealina vieram de pessoas que ocupavam posições de poder, não foi iniciativa da população. No caso de Pontalina, o prefeito escolheu solidificar um movimento incipiente.

É importante ter em mente, também outra informação importante que Abdal (2015) traz em seu texto, que é a de a industrialização, a distribuição da atividade produtiva ou a desconcentração econômica não trazer, necessariamente, desenvolvimento. Tendo em vista, como foi assinalado por Torres e Comin-Freire, que o desenvolvimento não implica apenas no crescimento econômico e que possui implicações qualitativas, existe o questionamento sobre se os fenômenos observados nas cidades podem efetivamente serem chamados de desenvolvimento.

Abdal também ressalta em seu texto a importância que a integração da economia nacional com a mundial teve nos últimos anos. Para ele, a exportação de *commodities* agrícolas e o aumento da demanda chinesa tiveram um papel central nesse processo. É perceptível a influência internacional nas três cidades. As compras de insumos agrícolas geralmente são feitas de empresas multinacionais que possuem revendas em nível local, e as vendas também podem ocorrer para esses clientes internacionais, como foi mencionado nas entrevistas. Essas interações são mais evidentes ainda quando as trocas comerciais concernem grãos como a soja. Fica evidente a dependência que existe em relação ao mercado externo, dos preços das *commodities* e das decisões das matrizes, que são fatores que as cidades não controlam e que são a elas submetidas.

7. Conclusão

A trajetória de desenvolvimento do Centro-Oeste e de Goiás foi muito influenciada pela iniciativa estatal e no passado recente, pelo mercado internacional. A agropecuária tem um papel importante na medida em que sua participação no PIB é significativa. Mas, a indústria também está ganhando espaço nessa região do país.

Os três municípios estudados se encontram inseridos nesse contexto. Nos três a agropecuária tem um grande espaço na atividade econômica, principalmente a produção de soja, que por sua vez está muito ligada ao mercado externo. Todas as cidades ainda estão em uma espera (quase romântica) de que uma empresa grande se instale por lá para gerar emprego e renda, e todas elas possuem problemas com desemprego. Dessa forma, não se é cultivada a cultura empreendedora (que já é bem fraca nos locais) e as prefeituras não assumem a responsabilidade de fomentar o desenvolvimento endógeno. Além disso, iniciativas econômicas endógenas têm mais chances de se sustentar ao longo do tempo e de reduzir as desigualdades locais.

O que se esperaria de Pontalina, por ser muito próxima a um distrito marshalliano, é que a renda gerada pelas confecções fosse absorvida pelos munícipes e melhorasse a

qualidade de vida da maior parte da população. Mas o que se observa é que os indicadores socioeconômicos dela são frágeis e a presença das facções, um trabalho bastante precarizado, revelam o reflexo de uma população ainda bastante desigual. Assim, ela se configura um distrito marshalliano precário, pois depende de estratégias de redução de custos e competição por preços, baixo valor agregado e salários baixos, empregos de baixa qualificação e trabalho informal.

Edéia se beneficia da presença de uma usina de etanol gerida por uma empresa multinacional. O que resulta em arrecadação para a prefeitura e emprego para os habitantes da cidade. A população, em geral, tem respeito pela administração pública local e aprova as políticas realizadas, além disso a cidade possui os melhores indicadores socioeconômicos. Isso indica que apesar de boa parte da economia estar polarizada em uma única atividade econômica, a qualidade de vida da população não é tão ruim. Porém, a presença da multinacional possui externalidades, os pequenos agricultores têm muita dificuldade de competir com ela pelo arrendamento de terras, o que de certa forma contribui para o acirramento das desigualdades locais.

Edealina é o menor e mais recente dos municípios, mas já sedia uma instalação de uma grande empresa mineradora. O fato de a administração da cidade ter optado por dar incentivos fiscais tão generosos para a empresa pode ser entendido como uma contribuição para que ela optasse se instalar ali e gerar emprego. Mas a cidade continua com muitos desempregados, as expectativas em relação a sua capacidade de empregar os locais foi frustrada e se questiona se não teria sido melhor que a empresa pagasse os tributos e impostos devidos para que a população decidisse o que fazer com esse dinheiro. Apesar disso, a empresa tenta realizar uma série de atividades para contribuir com a saúde e educação no município, além de ter construído uma rodovia.

A partir de todas as informações coletadas e da compreensão que se obteve a respeito do desenvolvimento a nível local, fica evidente que não se pode ter uma visão maniqueísta a respeito das trajetórias das cidades estudadas. Talvez seja um pouco clichê constatar que elas também são fruto do contexto agropecuário no qual estão inseridas, mas elas o são. As escolhas econômicas aparentemente mais benéficas para a população podem encontrar percalços ao longo da sua execução, o que não leva ao resultado desejado (como a geração de emprego em Edealina). De toda forma, ficou evidente como, atualmente, o desenvolvimento é entendido não apenas do ponto de vista quantitativo, mas qualitativo, e é este último que possui um reflexo direto na qualidade de vida da população.

8. Referências Bibliográficas:

ABDAL, A. C. Sobre regiões e desenvolvimento: Os processos de desenvolvimento regional brasileiro no período 1999-2010. Tese doutorado. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA. São Paulo. p. 230-231. 2015.

ACIOLY, Luciana; PINTO, Eduardo Costa; PINTO, M. A. M. A China na Nova Configuração Global: impactos políticos e econômicos. 1. ed. Brasília: Ipea, 2011. p. 307-314.

ARAÚJO, Eduardo Santos. Avaliação dos Programas de Incentivos Fiscais do Estado de Goiás entre 2000 e 2013. Economia-Ensaio, Uberlândia, v. 3, n. 2, p. 65-87, jun./2016.

BP BRASIL. Onde Estamos. Disponível em: https://www.bp.com/pt_br/brazil/home/onde-estamos.html. Acesso em: 1 jul. 2020.

BRESSER-PEREIRA, Luis Carlos. Desenvolvimento, progresso e crescimento econômico. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, São Paulo, v. 93, dez./2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452014000300003&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 20 jul. 2020.

CALAÇA, Manoel; DIAS, Wagner Alceu. A modernização do campo no cerrado e as transformações socioespaciais em Goiás. CAMPO-TERRITÓRIO, Goiás, v. 5, n. 10, p. 312-332, ago./2010.

CAVALCANTI, Isabel Machado et al. (Org.). Um olhar territorial para o desenvolvimento: Centro-Oeste. Rio de Janeiro: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, 2014. p 424-452. 510 p. ISBN 9788587545527

CEPAL. *Transformación productiva con equidad: La tarea prioritaria del desarrollo de América Latina y el Caribe en los años noventa*. 1. ed. Santiago de Chile : CEPAL, 1996. p. 10-10.

COMIN, Alvaro A.; FREIRE, Carlos Torres. Sobre a qualidade do crescimento: Atores, instituições e desenvolvimento local. *Novos Estudos*, CEBRAP, v. 84, n. 1, p. 101-125, jul./2009.

FARIAS, G. M. D; ZAMBERLAN, Carlos Otávio. EXPANSÃO DA FRONTEIRA AGRÍCOLA: IMPACTO DAS POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL NO CENTRO- OESTE BRASILEIRO EXPANSION. *RBDP – Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento*, non, v. 2, n. 2, p. 58-68, dez./2013.

FERRERIA, G, D. Políticas fiscais de desenvolvimento e guerra fiscal. Tese de mestrado. Universidade Estadual de Campinas: Instituto de Economia. Campinas. p. 195. 2005

FURTADO, Celso. Formação de Capital e Desenvolvimento Econômico . *Revista Brasileira de Economia*, p. 7-35, jan./1951.

HOGAN *et al.* Migração e Ambiente no Centro-Oeste. 1. ed. Campinas: Núcleo de Estudos de População/UNICAMP: PRONEX, 2002. p. 176-197.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. VARSANO, R. A GUERRA FISCAL DO ICMS: QUEM GANHA E QUEM PERDE. Rio de Janeiro. p.1-2. jul.1977. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2253/1/td_0500.pdf >. Acesso em: 20 jul. 2020.

LIMA, Márcia; ALMEIDA, Ronaldo De. Métodos de pesquisa em ciências sociais: Bloco qualitativo. 1. ed. São Paulo: CEBRAP, 2016. p. 24-70.

MARKUSEN, Ann. ÁREAS DE ATRAÇÃO DE INVESTIMENTOS EM UM ESPAÇO ECONÔMICO CAMBIANTE: UMA TIPOLOGIA DE DISTRITOS INDUSTRIAIS. *Nova Economia*, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 9-44, dez./1995.

MONTEIRO, P. C. D. F. S. M. M. O Estado e suas razões: o II PND. *Brazilian Journal of Political Economy*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 1-1, mar./2008. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572008000100002. Acesso em: 29 jun. 2020.

PIRES, M. J. de S. AS IMPLICAÇÕES DO PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO CONSERVADORA NA ESTRUTURA E NAS ATIVIDADES AGROPECUÁRIAS DA REGIÃO CENTRO-SUL DE GOIÁS. Tese doutorado. Universidade Estadual de Campinas: Instituto de Economia. Campinas. p.24 - 31. 2008.

SANTOS, F. B. P. dos. A atuação dos governos locais na redução das desigualdades socioeconômicas. Tese doutorado. Fundação Getúlio Vargas: Escola de Administração de Empresas de São Paulo. São Paulo. p. 63-90. 2013.

Votorantim investe R\$ 600 mi em nova fábrica em Goiás. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Informacao/Acao/noticia/2012/05/votorantim-investe-r-600-mi-em-nova-fabrica-em-goias.html>> Acesso em: 01 julho 2020.

YIN, Robert K.. Estudo de caso: Planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. p. 39-179.

9. Anexo

Roteiro Base

Local:

Dia/hora:

Duração:

ATORES PÚBLICOS

Apresentação

Do entrevistador

Da pesquisa (pesquisa da FGV/ economia em cidades pequenas/ **não é auditoria nem fiscalização**) e dos objetivos (puramente acadêmicos)

Panorama da entrevista (os eixos)

Autorização para gravação, sigilo e uso não comercial das informações prestadas

Eixo 1: Perfil do entrevistado

Nome/ idade:

Formação/ escolaridade:

Tipo/ tempo de vínculo:

- Qual foi a sua trajetória até você chegar ao cargo que você ocupa agora?

Eixo 2: O modelo econômico do município

- Na sua opinião, quais são as atividades econômicas mais importantes para o município?
- Por que você acha que tem tanta confecção de roupa em Pontalina?

- Como você enxerga o papel das confecções/ usina de etanol/ empresa mineradora para a economia local? Qual é, na sua opinião, o peso que elas têm?

Eixo 3: Relação dos atores públicos com a atividade econômica principal

- Existiu algum incentivo, auxílio da prefeitura para desenvolver a atividade econômica?
- Qual é o papel (contribuição) da prefeitura/ secretaria para a economia local?
- Como são as suas relações entre a atividade econômica e as associações?

Eixo 4: Projetos econômicos/ vocação do município

- Quais são as possibilidades de investimento no município?
- Para onde a prefeitura quer levar a economia? Existem políticas para isso?
- Existem escolas técnicas, capacitação profissional no município?
- E para saúde, educação e assistência social, como são as políticas?
- Para onde vão os jovens do município? Que relação eles mantêm com o município?

Roteiro Base

Local:

Dia/hora:

Duração:

ATORES PRIVADOS

Apresentação

Do entrevistador

Da pesquisa (pesquisa da FGV/ economia em cidades pequenas/ **não é auditoria nem fiscalização**) e dos objetivos (puramente acadêmicos)

Panorama da entrevista (os eixos)

Autorização para gravação, sigilo e uso não comercial das informações prestadas

Eixo 1: Perfil do entrevistado

Nome/ idade:

Formação/ escolaridade:

Tipo/ tempo de vínculo:

- Qual foi a sua trajetória até você chegar ao cargo que você ocupa agora?

Eixo 2: Trajetória da iniciativa econômica

- Por que a sua empresa se interessou se instalar em Pontalina/ Edealina/ Edéia?

- Houve algum incentivo, apoio da prefeitura para o seu tipo de negócio?

Eixo 3: O modelo de negócio

- Aproximadamente, quantos funcionários você tem?
- De onde vem a maior parte dos seus funcionários? Você sabe me traçar um perfil?
- Os funcionários são da cidade ou de fora?
- De onde vem a maior parte dos seus fornecedores? Eles são da cidade ou de fora?
- Para onde são vendidos a maior parte dos seus produtos? Quem é o seu mercado consumidor?
- O dinheiro é reinvestido na produção? Para que rumos você gostaria de levar o seu negócio? Existe interesse em expandi-lo?
- Existe o interesse em produzir bens de mais valor agregado?
- Quais são os maiores percalços/dificuldades do seu modelo de negócio?
- Quais são as maiores vantagens de se operar uma fábrica de cimento? Por que essa atividade é interessante l?
- A sua empresa tem problemas em relação a energia elétrica? E em relação a transporte (chegada de matéria prima e escoamento da produção)?

Eixo 4: Relação da atividade econômica com o município

- É interessante para você produzir na cidade em questão e não em nenhuma outra cidade vizinha? Porque?
- Quais são as vantagens (podem ser geográficas, naturais, econômicas ou políticas) de se operar na cidade?
- Quais são as maiores dificuldades de se operar na cidade?
- Por que o Instituto Votorantim não atua na cidade?
- Existe o interesse em realizar medidas para o desenvolvimento do município? A empresa busca o desenvolvimento/ crescimento da comunidade?
- Na sua opinião, quais são os benefícios que a fábrica traz para o município?
- A empresa busca realizar capacitações e trazer benefícios para os funcionários?
- Existe um impacto ambiental da atividade realizada? A empresa busca mitigar isso?
- A empresa paga muito imposto para o município?
- Você diria que a maior parte dos seus ganhos são gastos na cidade ou fora dela?
- Como são as suas relações com as associações e a prefeitura?

Local:
Dia/hora:
Duração:

ASSOCIAÇÕES

Apresentação

Do entrevistador

Da pesquisa (pesquisa da FGV/ economia em cidades pequenas/ **não é auditoria nem fiscalização**) e dos objetivos (puramente acadêmicos)

Panorama da entrevista (os eixos)

Autorização para gravação, sigilo e uso não comercial das informações prestadas

Eixo 1: Perfil do entrevistado

Nome/ idade:

Formação/ escolaridade:

Tipo/ tempo de vínculo:

- Qual é a sua trajetória profissional até chegar a trabalhar na associação?

Eixo 2: A associação

- Qual é a trajetória da associação?
- Quem são as pessoas que compõe a organização?
- O que a organização defende?
- Como ela atua?
- Quais são as metas, projetos? Qual é o impacto que ela deseja causar na cidade?

Eixo 3: Relação da associação com a atividade econômica

- Qual é o setor econômico mais presente/ativo nela?
- Como a organização enxerga a atividade econômica do município?
- Qual é a relação que a associação estabelece com ela?
- Qual é a relação que a associação estabelece com as pessoas que trabalham na atividade econômica?

Eixo 4: Relação da associação com o poder público

- Vocês fazem demandas para o poder público?
- Quais são as lacunas do poder público que a organização tenta suprir?
- Como são as relações da organização com o poder público?